

O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO

Ana Sofia Pereira Tulha

Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo

Outubro de 2012

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos
necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a
orientação científica do Professor António Granado

Agradecimentos

- A todos os membros da secção de Desporto do PÚBLICO – Jorge Miguel Matias, Cristina Ferreira, Filipe Escobar de Lima, Hugo Daniel Sousa, Tiago Pimentel, Marco Vaza (Lisboa), Nuno Sousa, Manuel Assunção... (Porto) – pela ajuda pronta e o ambiente inigualável.
- Ao meu orientador, António Granado, pela ajuda na elaboração deste relatório.
- À Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Aos “bravos e indomáveis” do mestrado (Tiago Oliveira, João Torgal, Catarina Benedito, Rita Oliveira), que fizeram do primeiro ano em Lisboa um dos melhores de sempre.
- À Faculdade de Letras da Universidade do Porto (onde realizei a minha licenciatura), por me ter introduzido numa área tão apaixonante como é o jornalismo.
- Aos meus colegas de trabalho no jornal A BOLA, pela ajuda e pela aprendizagem (em particular, a Germano Almeida, pela entrevista concedida).
- Aos meus pais, pelo apoio que nunca faltou.
- Aos meus amigos e namorado, sempre presentes.

O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO

**[The sedentary journalism and the dependency on news agencies: the case
of PÚBLICO]**

Ana Tulha

RESUMO

[*ABSTRACT*]

PALAVRAS-CHAVE: PÚBLICO, Jornalismo, Estágio, Jornalismo desportivo, Jornalismo sentado, Agências de notícias, Uniformização da informação

Elaborado no âmbito do Mestrado em Jornalismo, este relatório procura conjugar a experiência prática de três meses na secção de Desporto do jornal PÚBLICO com uma reflexão sobre a progressiva sedentarização do jornalismo que se vive atualmente e todas as consequências que daí advêm: a dependência das agências de notícias, a perda do contacto direto com as fontes, a progressiva uniformização da informação, entre outras. Partindo de uma base teórica (revisão de literatura) para uma análise prática (pela realidade constatada no PÚBLICO), este trabalho é, no fim de contas, uma espécie de prova dos factos de uma tendência que, ao longo dos anos, tem vindo a ser apregoada e criticada pelos estudiosos do jornalismo.

KEYWORDS: PÚBLICO, Journalism, Internship, Sports Journalism, The sedentary journalism, News agencies, Standardization of information

Written in the framework of the Master in Journalism, this report tries to conjugate the practical experience of three months in the sports section of PÚBLICO with a reflection about the sedentary journalism and all of its consequences: the dependency on news agencies, the loss of the direct contact with the sources of information, the progressive standardization of information, among others. Going from a theoretic basis (literacy review) to a practical analysis, this work is, after all, an attempt to prove one of the most talked over tendencies of the contemporary journalism.

Índice

Introdução.....	1
Tendências do jornalismo contemporâneo.....	4
A força das pressões económicas.....	5
Informação 24 horas por dia.....	7
Jornalismo sentado.....	8
Seguir a concorrência é a lei.....	11
Fontes ganham poder.....	12
Quando as rotinas se tornam forças bloqueadoras.....	15
Um novo paradigma: a convergência.....	16
Jornalismo desportivo	
De “toy department” a cabeça de cartaz.....	17
O “estrabismo jornalístico” e a perigosa proximidade das fontes.....	19
Do jornalismo desportivo ao jornalismo sobre desporto.....	22
Os jornais desportivos num duelo a três.....	23
O crescente protagonismo da web	24
Vantagens e oportunidades.....	28
A importância de um jornalismo rigoroso numa era de mudança.....	30
O caso do PÚBLICO	
Organização e funcionamento.....	32
Análise.....	33
A originalidade das notícias e a diversidade das fontes.....	37
Temas/abordagens diferenciadores(as).....	39
Declarações exclusivas.....	44
Reportagens.....	46
Furos.....	47
As imagens de Alvalade e o internamento de Eusébio.....	48
Site e papel: como gerir?.....	49
Peso das assessorias de imprensa.....	50
Panorama nos jornais desportivos.....	52
Conclusão.....	54
Referências bibliográficas.....	57

Anexos

Tabela de análise dos jornais

Entrevistas

Jorge Miguel Matias

Germano Almeida

Trabalhos feitos

Introdução

“Escrever bem um artigo, fora do esquema rígido da pirâmide invertida, leva o seu tempo. É, no fim de contas, um exercício estratégico que envolve mais do que a simples ligação dos factos, em frases curtas e afirmativas. E o tempo é um luxo de que os jornalistas dispõem cada vez menos”.

(Kovach e Rosenstiel, 2004: 154)

Mais do que fiel à realidade dos tempos, a afirmação de Kovach e Rosenstiel dá corpo àquele que constitui, hoje em dia, um dos grandes obstáculos do jornalismo contemporâneo. Face à nova cultura de informação 24 horas por dia, os profissionais da informação são, cada vez mais, obrigados a privilegiar a velocidade e a quantidade, em detrimento da qualidade, para conseguirem alimentar o insaciável fluxo de informação. As consequências são óbvias: menos tempo para verificar a informação, menos tempo para se procurarem histórias, menos tempo para o contacto direto com as fontes e para se sair da redação, um jornalismo cada vez mais sentado e consequente perda de qualidade e diversidade informativa. É esta tendência crescente de sedentarização, englobada numa perspetiva mais geral (a das nuances do jornalismo contemporâneo) e numa experiência prática na secção de Desporto do jornal PÚBLICO, que abordarei ao longo do presente trabalho.

Terminada a componente letiva do mestrado, e visto que optei pela via do estágio curricular, impunha-se escolher um órgão de comunicação que permitisse consolidar os conhecimentos adquiridos, tanto na licenciatura (na Faculdade de Letras da Universidade do Porto), como no mestrado.

Tendo por certo que o meu local de estágio seria na imprensa, não me restaram grandes dúvidas quanto à escolha: pela história, pela constante procura da verdade jornalística, pela coragem em denunciar situações incómodas e pela lealdade para com o leitor, sempre tive o PÚBLICO como o jornal diário de referência. Daí que ter a oportunidade de estagiar neste órgão de comunicação, conviver e aprender de perto com aqueles que me habituei a admirar, tenha sido, para mim, uma experiência inesquecível.

Fiquei na secção do Desporto, mais por mero acaso do que por opção, uma vez que, na minha lista de preferências, a Sociedade e a Política vinham em primeiro lugar. Mas, dado que ambas as secções já tinham estagiários, acabei por me dedicar à área desportiva, uma experiência que, além de enriquecedora, se revelou extremamente frutífera: é graças a ela que hoje, no contexto de crise que vivemos, me posso orgulhar de ter um emprego na área (no jornal A BOLA, para ser mais precisa).

Mais do que consolidar conhecimentos, os três meses vividos no PÚBLICO (maioritariamente na redação de Lisboa, mas também cheguei a passar pela redação do Porto) permitiram-me constatar de perto algumas das tendências que se apoderaram do jornalismo dos dias de hoje (e que já referi acima).

O presente trabalho está dividido em duas partes distintas:

- Numa primeira – a revisão de literatura – exponho aquilo que já foi dito por diversos autores, proeminentes na área, no que diz respeito às várias tendências do jornalismo contemporâneo no geral, bem como ao jornalismo sentado e ao jornalismo desportivo em particular.

- Na segunda parte, procuro, através da base teórica que consta da revisão de literatura e da minha experiência prática no jornal PÚBLICO, perceber até que ponto o jornalismo que se faz neste diário padece ou não desta tendência de sedentarização que se tem apoderado dos diferentes órgãos de comunicação. Nesta análise, incluo ainda várias declarações do editor da secção de Desporto do PÚBLICO (onde estagiei), no sentido de perceber como é que esta tendência é encarada do ponto de vista interno e o que é que é feito para a contrariar. Utilizo ainda algumas declarações do coordenador do jornal A BOLA no Porto, para fazer um termo de comparação entre aquilo que se passa nas secções de desporto dos jornais generalistas e nos jornais desportivos.

No fundo, ao longo do presente trabalho (e tendo sempre por objeto de análise o caso do jornal PÚBLICO) procurarei responder a questões como:

- O jornalismo sentado é, de facto, uma tendência cada vez mais notória, particularmente no jornalismo desportivo?

- Até que ponto a informação que é difundida pelas agências (tanto as agências de notícias – caso da *LUSA* – como as agências de comunicação) acaba por moldar os conteúdos divulgados?

- Causas e consequências deste fenómeno.
- O que é que é feito para reduzir o seu impacto?
- Ele põe em causa o papel do jornalista e do jornalismo?
- É esta uma tendência que afeta igualmente os jornais desportivos?

Tendências do jornalismo contemporâneo

Se, em teoria, as notícias têm a obrigação de satisfazer um impulso humano básico – a necessidade que as pessoas sentem de saber o que se passa para além da sua própria experiência direta – (Mitchell Stephens, 1988, 34) e os meios de comunicação deveriam funcionar como guardiões, forçando as pessoas a agir e dando voz aos esquecidos (Kovach e Rosenstiel, 2004, 16), a realidade é que, nos tempos que correm, há todo um emaranhado de fatores que tem vindo a alterar, de forma substancial, o *modus operandi* das redações – com reflexão direta nos conteúdos noticiosos.

Atualmente, o denominador comum entre a maior estação de televisão mundial e o mais pequeno jornal de província, é o recurso à Internet na luta constante contra o tempo e a distância. Nas fases de pesquisa e contactos com as fontes, duas etapas que absorviam muito do tempo de produção de uma notícia, os jornalistas passaram a contar com preciosos auxiliares, como a WorldWideWeb, o correio electrónico ou os newsgroups, entre outras funcionalidades da Internet. (Canavilhas, 2004)

As novas tecnologias e, em particular, o crescimento exponencial da Internet (e da sua utilidade para a trabalho jornalístico) puseram em curso uma mudança significativa no que diz respeito àquelas que foram, durante décadas, as práticas mais comuns do jornalismo, tanto mais quanto o aproveitamento mais forte dos recursos da Internet se trata, atualmente, de um processo massificado e transversal a todos os órgãos de comunicação e a todas as gerações de profissionais, tendo passado a fazer parte indissociável das rotinas dos jornalistas (Canavilhas, 2004: 2) Até porque, como refere o mesmo autor, ao funcionar como uma fonte permanente de informações, a Internet permitiu suavizar as barreiras do espaço e do tempo.

Sabendo-se de antemão que as notícias são um bem “construído” – Fontcuberta (1999: 7-8) descreve-as como “produtos manipulados pelo homem, representações da realidade tanto quanto ela permite ser representada e com o engenho e a arte que o homem em cada momento e situação encontra para o fazer” – e que a luta dos repórteres passa por fornecer “a melhor versão da verdade que é possível obter”, a realidade é que a nova cultura multimédia está a deslocar a função clássica de elaboração de um relato

verdadeiro e fiável dos acontecimentos do dia, criando um novo jornalismo de declaração, que está a esmagar o velho jornalismo de verificação. (Kovach e Rosenstiel: 1999)

Em *Os Elementos do Jornalismo*, Kovach e Rosenstiel (2004: 47) fazem um elucidativo ponto de situação. “Na nova cultura da informação 24 horas por dia, as notícias tornaram-se mais fragmentadas; as fontes estão a ganhar poder relativamente aos jornalistas que as cobrem; padrões variados de jornalismo estão a derrubar a função de seleção da imprensa; as reportagens estão a ser esmagadas sob o peso de argumentos fáceis e extremados; a imprensa está cada vez mais concentrada em encontrar o “grande furo” que temporariamente reunirá as grandes audiências, hoje cada vez mais fragmentadas”, referem.

Neste contexto, não admira que o papel-chave da imprensa – vigiar a minoria poderosa da sociedade em nome da maioria, para a salvaguardar contra a tirania (Kovach e Rosenstiel, 2004: 117) – se torne cada vez mais difícil de pôr em prática. Kovach e Rosenstiel (2004: 34) colocam mesmo a questão: Poderá o jornalismo manter, no século XXI, a finalidade que o moldou nestes últimos três séculos e meio?

A força das pressões económicas

A par das novas tecnologias surge, cada vez mais, nas empresas jornalísticas uma nova organização económica, no seio das quais o jornalismo aparece numa posição subordinada. (Kovach e Rosenstiel, 2004: 17) O problema, como referem os autores de *Os Elementos do Jornalismo*, é óbvio: se o ordenado de um jornalista depender do desempenho financeiro da empresa onde trabalha, a empresa está explicitamente a dizer-lhe que uma boa parte da sua lealdade deve ser agora para com a empresa-mãe e os seus acionistas, mais do que para com os leitores, ouvintes ou espectadores. (Kovach e Rosenstiel, 2004: 62)

Já em 1994, Pierre Bordieu alertava para as possíveis consequências deste redirecionamento da lealdade jornalística: sujeitos ao veredicto do mercado, através da sanção direta (clientes) ou da sanção indireta (audiência), os jornalistas são conduzidos à produção do “simples”, do “curto”, do que “passa bem na televisão”, do “que se vende”. (Bordieu, 1994: 59) O sociólogo francês vai mais longe: considera que está a

desaparecer a aura simbólica dos jornais e jornalistas “sérios” em troca de concessões à lógica do mercado e do marketing. E aponta mesmo um novo princípio de legitimidade – o da consagração do número de vendas ou de audiência e o da “visibilidade mediática”. (Rogério Santos: 1997, 60)

Não espanta, por isso, que, como denuncia Juan Luis Cebrián, antigo diretor do *El País*, que haja hoje uma tendência para “inventar um argumento” para a realidade, para “encenar” a informação, e forçá-la a adaptar-se à encenação que os jornalistas têm em mente. “O que importa para este novo jornalismo é que a encenação funcione, e não que ela esteja de acordo com a verdade.” (*El País*, 20 de Fevereiro de 1998) (Ramonet, 1998: 64) Daí que, apesar de haver casos de resistência em que os jornalistas procuram defender a sua conceção de ética, haja também muitos casos de abandono, e até mesmo de convivência assumida. (Serge Halimi, “Un journalisme de révérence”, Fevereiro de 1995) (Ramonet, 1998: 55)

Ainda assim, na maior parte das redações, a submissão aos critérios de vendas ou de audiências varia consoante o grau hierárquico dos profissionais no interior das suas organizações: os que ocupam posições mais elevadas (responsáveis das redes, editores, redatores-chefes) aceitam melhor tais critérios, ao passo que os recém-chegados à profissão reagem e se inclinam para a defesa de princípios e valores de acordo com a reputação clássica do jornalismo. (Rogério Santos: 1997, 60)

Mas as consequências da guerra de audiências não se ficam por aqui. Como refere David Shaw, jornalista do *Los Angeles Times*, citado na obra de Ignacio Ramonet (*A Tirania da Comunicação*): “Em busca de novas formas de aumentar os seus leitores e as suas receitas, e constantemente pressionados pelas administrações preocupadas com os lucros, os jornais baixam ou suprimem o “muro”, termo que designa a tradicional separação entre redação e publicidade.” (1998: 54)

Uma tendência que ganha especial força face à quebra acentuada de circulação, audiência e publicidade das publicações impressas. De acordo com Larry Kramer (2011), primeiro presidente da CBS Digital, este desvio dos leitores e das receitas publicitárias dos meios tradicionais de comunicação poderá mesmo ditar o fim da própria sobrevivência dos jornais. Até porque, como o próprio reconhece, a opção pelo digital acaba por ser muito atraente: além de permitir atrair um mercado “sem fronteiras” e com novas possibilidades a nível de conteúdos e de interação com o

público-alvo, os novos meios são muito mais económicos, dispensando-se os avultados gastos com a impressão e a distribuição.

Por isso, os meios tradicionais veem-se cada vez mais obrigados a procurar formas de se adaptarem a uma nova realidade, tentando aproveitar as vantagens que esta fase de transição oferece (Vivian Corrêa, 2009). Até porque uma coisa é certa: o tradicional modelo de negócio em que assentavam os meios de comunicação impressos (com os custos de impressão do jornal a serem suportados pela publicidade) encontra-se cada vez mais enfraquecido. (Ronaldo Henn, 2011)

Informação 24 horas por dia

A adaptação surge, frequentemente, sob a forma de uma extensão de um dado meio de comunicação a uma presença online, através de *sites* noticiosos que procuram fornecer aos leitores uma informação quase em tempo real.

Ignacio Ramonet (1998: 73) alerta para os perigos adjacentes a esta lógica imediatista: Se a verdade já não é o elemento decisivo do valor de uma informação, então qual é esse valor? “Hoje principalmente trata-se da rapidez com que essa informação é transmitida. Ora, a «boa» rapidez atualmente é o imediato, que, na verdade, no que diz respeito à qualidade da informação, é um critério perigoso”, prossegue.

Por isso, Ramonet (1998: 73, 74) considera que o jornalista está cada vez mais reduzido à função de elo. “Ele é o fio que permite conhecer o acontecimento e a respetiva difusão. Não tem tempo de filtrar, de verificar, de comparar porque, se perder demasiado tempo a fazer isso, haverá colegas que tratam o caso antes dele. E, claro está, a chefia irá censurá-lo por isso. (...) O sistema de informação, pouco a pouco, tem vindo a considerar que há valores importantes (instantaneidade, massificação) e valores menos importantes, quer dizer, menos rentáveis (os critérios da verdade). A informação transformou-se numa mercadoria”, elucida.

Opinião partilhada por Fábio Henrique Pereira (2004: 104): o autor defende que face à pressão do tempo real, a veracidade das informações perde terreno e as notícias antes sem importância passam a ser publicadas, principalmente nos dias em que

não há acontecimentos relevantes – as informações passam a ser publicadas a «conta gotas».

E se, teoricamente, este tipo de trabalho (o de manter os sites noticiosos constantemente atualizados) poderia ser significado de uma maior autonomia e de um discurso mais interpretativo – por haver pouca interferência externa dos editores ou das chefias – a realidade é que a necessidade de alimentar constantemente as “turbinas da informação” acaba por impedir a conceção deste tipo de discurso (Neveu, 2001). O resultado, defende o autor francês, é a publicação de informações ainda sem confirmação e de notas praticamente irrelevantes do ponto de vista do internauta. Para Ciro Marcondes Filho (2000, p.45), trata-se de uma opção ideológica que destaca a primazia da técnica no processo de produção de notícia: “É uma opção que se coloca em oposição à “narrativa didática”, ou seja, aquela que não traz apenas uma notícia, mas aumenta a bagagem de informação (e, a longo prazo, formação) do leitor.” (Fábio Henrique Pereira, 2004: 97)

Como consequência, a reportagem objetiva, até aqui um dos elementos essenciais na construção da identidade do jornalismo e da sua distinção face a áreas como a literatura (Felix Ortega e Maria Luisa Humanes, 2000) perde terreno face à necessidade de alimentar continuamente o sistema noticioso. “O jornalismo tornou-se uma disciplina técnica, mais do que uma atividade investigativa ou linguística. O bom jornalista passou a ser aquele que consegue, em tempo hábil, dar conta das exigências de produção de notícias do que aquele que mais sabe ou melhor escreve”, resume Ciro Marcondes Filho (2000, p.36).

Jornalismo sentado

A necessidade de alimentar continuamente o fluxo de informação (não sendo esta causa exclusiva) conduz-nos a outro ponto, que constitui o cerne deste trabalho: o jornalismo sentado. De acordo com Erik Neveu (2001: 7), o termo, adaptado do francês (*jornalisme assis*), designa um jornalismo mais orientado para o tratamento de uma informação que não é recolhida pelo próprio jornalista, opondo-se, por isso, ao *journaliste debout* ou jornalista de pé, cuja principal função é a recolha de informações através do contacto direto com as fontes.

Como referem Kovach e Rosenstiel (2004: 80), à medida que os jornalistas passam mais tempo a tentar sintetizar o interminável fluxo de dados que lhes chega através de novos portais de informação, correm o risco de se tornarem mais passivos, mais recetores do que coletores de informação.

Bem mais dramática era (é) a visão de Ignacio Ramonet, já em 1998: “Questionamo-nos sobre o futuro dos jornalistas. Eles estão em vias de extinção. O sistema já não os quer. Podia funcionar sem eles. Ou, digamos antes, que aceita funcionar com eles, mas atribuindo-lhes um papel menos decisivo: o de operários numa produção em cadeia, como Charlot nos Tempos Modernos... Dito de outra maneira, rebaixando-os para a categoria de retocadores de despachos de agência.” (1998: 51)

Dramatismos à parte, a realidade é que, em todas as redações, o jornalismo sentado tem, de facto, vindo a ganhar terreno sobre o jornalismo de terreno. O normal agora é os jornalistas passarem a maior parte do tempo na redação (muitas vezes reescrevendo as informações fornecidas pelas agências de informação) e apenas uma pequena parte do tempo na rua, exatamente ao contrário do que acontecia anteriormente. Na origem da mudança – que reduz os jornalistas ao papel quase exclusivo de seleccionar e hierarquizar a informação –, está a diminuição do número de trabalhadores mas não só: a redução dos orçamentos e o aumento do leque de fontes de informação também tiveram, neste ponto, um contributo significativo.

Ainda assim, é preciso ter em conta que a Internet não foi a única responsável pela introdução do jornalismo sentado na rotina das redações (Fábio Henrique Pereira, 2004: 96): ela apenas radicalizou este tipo de produção, ao dar primazia à publicação de informações provenientes maioritariamente de fontes externas.

Certo é que, apesar das mudanças, as funções do jornalista sentado se assemelham cada vez mais à do *gatekeeper* – termo que, como é sabido, desde cedo se associou à prática jornalística. Ao seleccionar de entre uma infinidade de informações disponíveis – na Internet, nas agências ou disponibilizadas pelas assessorias – quais devem ser publicadas como notícias, “[...] os jornalistas contribuem, assim, para moldar a imagem que o recetor tem de sua sociedade e de seu mundo.” (Kuncsik, 1997: 237)

Como refere Fábio Henrique Pereira (106), à medida que o jornalista se torna consumidor de um número infindável de fontes, a sua função como árbitro torna-se

vital. Traquina (2000) considera até que, ao terem o poder de transformar determinado acontecimento em notícia (de entre um rol infindável de informações que todos os dias chegam as redações) através da publicação, os meios *online* passam a ser espaços privilegiados.

E Lourenço Medeiros (viria a ser diretor editorial da *SIC Online*) acrescenta: “O jornalismo não acaba por todos poderem ter melhor acesso a fontes de informação, como acontece aos utilizadores da Internet. O cidadão continua a precisar de alguém que se dedique a tempo inteiro a seleccionar, a sintetizar e a explicar. O jornalismo não acaba. Pelo contrário, ganha novos instrumentos. Mas, para isso, falta a muitos jornalistas portugueses formação, formação e mais formação.”

Kovach e Rosenstiel (2010: 172) sublinham que o jornalista tem, no fundo, de ser o mediador do excesso de informação da atualidade (sendo capaz de comprovar os factos e ser testemunha de ocorrências, apresentar a informação com o devido contexto, agregar fontes diversas e abrir a discussão), embora ressalvem que “esse papel de mediador é agora mais variado e complexo e cumpri-lo num mundo de ilimitados canais de comunicação é bem mais difícil” (2010: 172).

E elucidam-nos acerca do grande problema (2004: 79): a moderna cultura de imprensa, em geral, está a enfraquecer a metodologia de verificação que os jornalistas desenvolveram. Como refere Rogério Santos (1997: 142), a investigação implica acumulação de provas e análise criteriosa da sua proveniência.

Se no início da profissionalização da atividade jornalística, a criação de agências (que procuram informação e a divulgam, através de despachos e telexes para jornais que pagam avenças para a sua receção) representou uma ajuda significativa, por proporcionar um aumento de informação com investimentos mais reduzidos (Tuchman: 1978; Thompson: 1995; Nobre-Correia: 1996), a realidade é que esta evolução também acabou por ter consequências nefastas: apesar de ainda haver jornais que se dedicam à investigação, são muitos os que se resumem a citar a informação veiculada pela agência noticiosa. (Rogério Santos, 1997: 146)

Voltando a citar os autores de *Os Elementos do Jornalismo* (2004: 79), os factos transformaram-se numa mercadoria facilmente adquirida, à qual apenas se muda a embalagem e a finalidade. “Os jornalistas passam mais tempo a procurar algo para

acrescentar às notícias existentes, geralmente interpretação, em vez de tentarem descobrir e verificar os novos factos de forma independente”, prosseguem os autores.

Seguir a concorrência é a lei

“Assim que surge uma notícia, todo o rebanho a segue. A notícia é determinada por um meio apenas – um relato no jornal ou na televisão. Em parte, devido à consolidação das organizações jornalísticas, mas também devido ao suporte eletrónico em que as notícias são divulgadas, comemos todos do mesmo prato”: a afirmação, proferida por Geneva Overholser num debate do CCJ, a 22 de outubro de 1998, é bem elucidativa de outra das tendências do jornalismo contemporâneo – a de um certo mimetismo entre os diferentes (cada vez mais iguais) órgãos de comunicação. (Kovach e Rosenstiel, 2004: 79)

Nas palavras de Rogério Santos (1997: 60), a concorrência, longe de ser geradora automática da originalidade e da diversidade, tende a favorecer a uniformidade da oferta. Para Bordieu (1994: 5), o facto de os jornalistas terem por hábito a leitura do que outras organizações escreveram sobre o assunto favorece um tipo de amnésia responsável pela uniformidade da oferta, que se contrapõe à novidade, em teoria um dos principais valores-notícia a ter em conta.

Ramonet (1998: 135) vai mais longe: hoje, um facto é verdadeiro não porque obedece a critérios objetivos, rigorosos e comprovados na fonte, mas simplesmente porque outros *media* repetem as mesmas informações e as “confirmam”, sendo que, neste novo *modus operandi*, a repetição se substitui à verificação e a informação é substituída pela confirmação. “Os jornalistas repetem-se, imitam-se, copiam-se, correspondem-se e enredam-se a ponto de constituírem apenas um sistema de informação, no meio do qual é cada vez mais difícil distinguir as particularidades de determinado *médium* tomado isoladamente”, prossegue o autor. (1998: 136) Para Kuncsik (1997), essa é a forma encontrada pelos jornalistas para reduzir as dúvidas sobre os critérios de seleção das notícias.

Neste cenário (em que a cópia quase sem adaptação das notícias entre os diferentes meios ganha terreno e em que uma notícia se legitima a partir do momento em que todas os meios a reproduzem (Fábio Henrique Pereira, 2004: 102,103)),

promover uma cobertura que fuja ao que já foi dito pela concorrência torna-se uma missão cada vez mais difícil de pôr em prática.

É neste contexto que surge a procura do *scoop*, que, em português, se designa por furo jornalístico. Mancini (1993, 49) resume a questão assim: tendo em conta que as organizações noticiosas processam o mesmo tipo de cobertura, devido ao desenvolvimento de rotinas produtivas comuns e à utilização de idênticas tecnologias de informação, aquilo que diferencia a uniformidade inicial é a obtenção de exclusivos e a interpretação particular acerca dos acontecimentos.

Também Rogério Santos (1997: 153) se refere a esta questão. “Em qualquer organização noticiosa, o exclusivo, a “catcha” é sempre o ponto perseguido nas discussões tidas durante as reuniões e procuradas nas investigações conduzidas pelos elementos da direção e editores”, defende, salientando que, embora as notícias principais sejam as não esperadas ou planeadas (1997: 150), a recontextualização introduzida pelo jornalista também pode ser fator de originalidade (1997: 54,55).

Fontes ganham poder

Uma outra alteração de peso no campo jornalístico tem a ver com a tomada de força dos chamados “promotores”, cuja função passa por transformar meras ocorrências em acontecimentos e endereçá-los aos jornalistas ou “reunidores” que se encarregam de os tornar públicos (Rogério Santos, 1997: 22). Isto mesmo foi notado por Molotch e Lester, já em 1974.

Os autores definem três níveis de categoria do acontecimento: em primeiro lugar, aparecem os promotores, interessados em divulgar certos acontecimentos para uso público, ao mesmo tempo que impedem certas ocorrências de atingir o grau de acontecimentos; depois, surgem os jornalistas que transformam os materiais recebidos em ocorrências ou acontecimentos públicos através da publicação ou emissão; por fim, os leitores, que observam acontecimentos tornados visíveis pelos meios de comunicação e criam na sua mente um sentido de tempo público. (Molotch e Lester: 1974, 122)

Mas a literatura sobre jornalismo é bastante profícua no que diz respeito à atuação das fontes no papel do repórter: **Hall et. al.** (1978: 58) defendem que a

preferência dada pelos meios de comunicação às opiniões do poder, aos “porta-vozes” oficiais, tende a reproduzir a estrutura existente do poder na ordem institucional da sociedade; **Gans** (1979, 117) fala numa luta entre fontes e jornalista (enquanto as primeiras se esforçam em divulgar a informação, os segundos acedem às fontes a fim de lhes extorquir as informações que lhes interessam); **Stephen Hess** (1984: 109) acredita que ambos reagem uns com os outros mais do que são iniciadores; **Villafañé et al** (1987) acreditam que, cada vez mais, a prática produtiva dos meios de comunicação deixa para trás a ideia do jornalista à procura de notícias e do redator que seleciona a informação da agência, para dar lugar a toda uma série de intermediários que se ocupam em manter as redações informadas da atividade administrativa, económica, política e sindical dos organismos para que trabalham; por sua vez, **Mancini** (1993) afirma que a interação entre jornalistas e fontes de informação desenvolve-se num quadro ambivalente de confiança e suspeita. (Rogério Santos, 1997)

Neste quadro, Rogério Santos conclui que a ligação entre fontes e jornalistas é uma ação em constante movimento, criadora de uma cumplicidade de conhecimentos e interesses, sendo que os segundos se constituem como interlocutores privilegiados dos primeiros (Rogério Santos, 1997: 124, 130). Como referem Dayan e Katz (1992, 7), os eventos assim antecipados constituem um “manancial previsível de notícias, com acesso e disponibilidade”, sendo que, se por um lado, as fontes que criam notícias estão conscientes da dependência dos jornalistas na antecipação de notícias, por outro, os repórteres também sabem que só lhe chegam os dados fundamentais e positivos, o que leva – ou deveria levar – à procura de outros espaços e fontes (Rogério Santos, 1997: 151,152).

O problema é que, muitas vezes, este trabalho não é feito e os jornalistas acabam, frequentemente, a refugiar-se em citações de outras pessoas, que aparecem para criar a ilusão de uma teia de isenção e veracidade e para proteger o repórter dos seus superiores, tornando quase neutro e objetivo o seu desempenho (Rogério Santos, 1997: 182,183). Só que, muitas vezes, as citações servem apenas para o jornalista poder tirar da notícia as suas próprias opiniões, conseguindo que os outros digam aquilo que pensa (Tuchman: 1978, 96).

A precarização do trabalho jornalístico (com todos os despedimentos que têm afetado o setor, a multiplicação dos estágios não-remunerados e os recibos verdes) abre aqui uma outra nuance, assinalada por Patrick Champagne, em *Les Inrockuptibles*

(1998): “Aos poucos, o sector dos media foi ganho pelo neoliberalismo e a informação tende a ser cada vez mais uma subempreitada entregue a jornalistas precários prontos para todos os fretes que trabalham as matérias que lhes são fornecidas e fabricam uma informação por encomenda.”

Uma questão que se reveste de especial importância e atualidade se atendermos ao facto de as fontes de informação terem vindo a adotar, nos últimos anos, uma relação com os meios mais estudada e organizada: prova disso é a multiplicação das fontes de comunicação institucional, de assessoria de comunicação, dos gabinetes de imprensa, dos conselheiros de imagem e das conferências de imprensa e dos comunicados que, frequentemente, definem a agenda dos órgãos de comunicação. Mário Mesquita (1998: 91) cita a seguinte passagem de Manuel Chaporro, professor da Universidade de São Paulo: “Na minha opinião (...) a mais importante modificação ocorrida nos últimos 40 anos nos processos jornalísticos é a organização e a capacitação das fontes interessadas, produtoras e controladores de acontecimento, revelações e falas que alteram, explicam ou desvendam a atualidade”.

Por isso, Ramonet (1998: 55,56) defende que as assessorias e agências de comunicação acabam por perturbar, tornar supérfluo e confundir o trabalho do jornalista, retirando-lhe a sua particularidade, a sua singularidade, a sua originalidade, através de sugestões formuladas de forma extremamente sedutora e convincente.

Ainda assim, e apesar de admitir que os “promotores” interagem com os profissionais do campo jornalístico, no sentido de fazerem avançar as suas “necessidades de acontecimentos”, Traquina (2002: 16) defende que são os jornalistas que, em última instância, decidem, em interação uns com outros, o que é notícia, qual a sua importância e como é definida. Mas a realidade demonstra que os jornais funcionam, frequentemente, como os últimos operadores de uma cadeia de mediações, daí que os jornalistas acabem muitas vezes por “vender” como “não-oficial” uma informação que, na sua origem, foi produzida pelas próprias fontes (Mouillaud, 1997).

Esta dependência levanta uma outra questão: a da fiabilidade das fontes. A cada momento, os editores deverão ser capazes de decidir quais as fontes fiáveis e não-fiáveis para não incorrerem no risco de dar como certa uma informação que não se reveste de qualquer veracidade. O tema é abordado por Walter Lippmann (1965: 226): “Não há qualquer defesa, atenuante ou desculpa para declarar seis vezes que Lenine morreu quando a única informação de que o jornal dispõe é um relato de uma fonte que mostrou

repetidamente não ser fidedigna. Nesse caso a notícia não é «Lenine morreu» mas sim «Helsingfors afirma que Lenine morreu». Dessa forma, a responsabilidade do jornal quanto ao anúncio da morte de Lenine limita-se à fiabilidade da fonte noticiosa. Se há um assunto em que os editores são mais responsáveis, é na sua capacidade crítica para avaliar a fiabilidade das fontes.”

Quando as rotinas se tornam forças bloqueadoras

Em *Os Elementos do Jornalismo*, Kovach e Rosenstiel destacam outro dos problemas com que se depara a prática jornalística, em parte derivado da constante pressão do tempo e dos *deadlines*: a inércia burocrática que se apodera das redações e que leva os jornalistas a agirem segundo determinadas práticas-padrão. Torna-se fácil, por isso, cair num processo de racionalização em cascata, que enfraquece e desencoraja atos de consciência individual (2004: 198).

Mas não se trata de uma problemática recente: já em 1973, Sigal chamava a atenção para o impacto significativo das rotinas organizativas e das políticas burocráticas na estrutura de busca de notícias e na forma do conteúdo noticioso (1973: 119). Como refere Rogério Santos (1997: 47), os jornalistas estão constrangidos pela localização social, pelas rotinas de busca noticiosa e pela convenção oficiosa na escolha das fontes, até porque raramente estão em condição de testemunhar os acontecimentos em primeira mão. Também Gaye Tuchman (1978) defende que, no desempenho rotinizado de tarefas, o profissional trabalha atento a regras organizacionais (como a ordem no espaço e no tempo a tipificação das notícias) que delimitam o seu campo de atuação.

Para esta rotinização, muito contribui a existência de uma agenda que resulta da marcação de acontecimentos previamente marcados e comemoração de efemérides, reduzindo, desta forma, a imprevisibilidade noticiosa e tornando-se num dos principais suportes de seleção de eventos. (Rogério Santos, 1997: 147) Relativamente a este ponto, Rogério Santos introduz um outro conceito – o de cultura de redação: um conjunto de valores (estilo, valores, objetivos) partilhados pelos jornalistas que os tornam orgulhosos de pertencer ao jornal. (1997: 129 e 130)

Tuchman (1978) sintetiza a questão da seguinte forma: confrontados com a superabundância de acontecimentos e a escassez de tempo, lutando para impor ordem no espaço e no tempo, os jornalistas são obrigados a criar uma rotina do inesperado, que se traduz na dependência dos *canais de rotina*. (Traquina, 2002: 120)

Um novo paradigma: a convergência

“Não mais podem os jornalistas pensar que só porque trabalham num médium (por exemplo, um jornal) não precisam de se preocupar acerca da forma como a sua história deveria ser apresentada noutra (na TV ou na Web). Não mais as escolas de jornalismo podem pensar que podem formar alunos que percebem apenas um conjunto de ferramentas de comunicação. Por outro lado, não estamos necessariamente a caminhar para uma era em que um só jornalista necessita de fazer tudo – reportar, escrever, tirar fotografias, filmar e editar vídeo e apresentar as suas histórias na Web. Haverá sempre necessidade de especialistas que fazem uma coisa particularmente bem. Mas nas empresas de media convergentes do futuro, os jornalistas que melhor entenderem as capacidades únicas dos media múltiplos serão aqueles que obterão mais sucesso, conduzirão às maiores inovações e tornar-se-ão os líderes de amanhã.”
(in Kawamoto, 2003: p. 72)

O excerto da obra de Kawamoto, recuperado por Hélder Bastos (2005), é bem elucidativo de uma das transformações que veio de mão dada com a implementação das novas tecnologias: a convergência. Como recorda Deuze (1999), o ciberjornalismo não se resume a redigir um texto, mas sim a explorar todos os formatos possíveis a ser utilizados numa história de forma a permitir exponenciar ao máximo esta convergência.

Ora, esta evolução tem consequências ao nível do que é exigido aos profissionais do jornalismo: para John Pavlik (2001), o ciberjornalista deve ser capaz de perceber as capacidades e a estética dos novos *media*, o que pressupõe o entendimento da natureza interativa dos *media* digitais em rede e a aprendizagem de novas formas (sejam elas não lineares ou multilineares) de narrativa jornalística. Daí que o autor defenda que os repórteres devam agora ser *cross-media-trained*, isto é, a sua formação específica deverá orientar-se para o domínio cruzado, abrangente e conjugado dos diferentes *media*. (Hélder Bastos, 2005)

Por isso, Canavilhas (2001) defende que o chamado "jornalismo *online*" deve ser mais do que o que é atualmente (uma “simples transposição dos velhos jornalismo escrito, radiofónico e televisivo para um novo meio”): com base na convergência entre texto, som e imagem em movimento, o *webjornalismo* poderá, salienta o autor, explorar todas as potencialidades que a Internet oferece, proporcionando um produto completamente novo: a *webnotícia*.

Já Jeffrey Wilkinson, August Grant e Douglas Fisher, citados por Claudia Quadros e Inatel Quadros (2011), consideram que: “Antes os jornalistas eram especialistas só num meio e generalistas em relação ao conteúdo. Hoje o mercado exige um especialista em conteúdo que deve ter a capacidade de elaborar o seu produto nas mais variadas linguagens. (...) Passa a ser um generalista em narrativas.”

Por isso, Canavilhas (2004: 2) defende que, perante este cenário de mudança, se impõe “o domínio de novas competências narrativas, linguísticas, iconográficas e estéticas”, dotando os jornalistas de “conhecimentos teóricos e práticos diretamente ligados aquelas que são as características fundamentais do jornalismo na Web” (Canavilhas, 2001: 4).

Jornalismo desportivo

De “toy department” a cabeça de cartaz

Ainda que a quantidade de estudos na área do jornalismo desportivo esteja longe de se equiparar ao que acontece em várias outras vertentes, a literatura sobre o assunto é unânime num ponto: por muito que, hoje em dia, as editorias desportivas ganhem cada vez mais peso (bem como os jornais especializados na área), os jornalistas dedicados ao desporto sofreram, durante um longo período de tempo, o estigma do “*toy department*” (Rowe, 2007), sendo muitas vezes apontados como os executantes de um “jornalismo desleixado”, baluarte de uma “vida fácil” e de uma mecânica de “*soft news*” (Raymond Boyle, 2006).

Como refere Andrew Baker (2004), “o jornalismo desportivo é muitas vezes posto ao nível da degustação da cerveja e da avaliação afrodisíaca”. “As pessoas dizem: «É mais um hobby do que uma profissão, não é?»”, elucida o jornalista desportivo do *The Daily Telegraph*. O resultado é simples: os repórteres da área desportiva são, de longe, mais lidos do que admirados (Rowe, 2005). A opinião é partilhada por Fernando Cascais que, na obra *Introdução ao jornalismo desportivo* (1999), refere: “Há alguns anos, não muitos, o jornalismo desportivo era aceite, no máximo, como de segunda divisão. Os seus profissionais e colaboradores sentiam o estigma, mesmo praticando o jornalismo de maior audiência em Portugal”.

No entanto, mesmo não cobrindo os chamados “assuntos sérios”, a realidade é que o jornalismo desportivo, durante muitos anos visto como uma espécie de deus menor, tem vindo a ganhar importância, “à medida que o desporto cresceu em riqueza, poder e influência” (K.C. Thakur, 2010): a crescente procura dos jornais desportivos (cujas vendas são as que melhor resistem ao impacto da crise) e o aumento do espaço consagrado ao desporto nos generalistas comprovam-no.

Daí que o desporto tenha vindo a assumir um papel central na imprensa generalista, sendo, cada vez mais, encarado como uma “forma especializada de jornalismo ou uma editoria relevante dos media” (Bernstein e Blain, 2002). E se Boyle (2006) ressalva que o “o jornalismo desportivo sempre interessou aos jornais e à

imprensa de massas em particular”, Rui Novais (2010) constata que “seja pelos melhores ou pelos piores motivos, as atividades e os protagonistas desportivos merecem, na atualidade, amplo interesse e cobertura mediática”.

“Longe vão os dias em que o desporto significava apenas preencher um par de páginas no fim do jornal. (...) Agora é um negócio sério que envolve as grandes empresas. Por isso os jornais têm de o tratar com mais seriedade, entendendo, ainda assim, que o desporto também faz parte da indústria de entretenimento”, afirmou Craig Tregurtha, do *Sunday Mirror*, numa entrevista dada a Raymond Boyle, em 2004.

Assim se explica que, em pouco tempo, o jornalismo desportivo se tenha tornado uma das áreas para as quais os jornais disponibilizam mais recursos (Raymond Boyle, 2006). Só que nem isso impede que, particularmente no que diz respeito à cobertura de futebol, o papel do jornalista continue a ser encarado pelos clubes, jogadores e treinadores com alguma desconfiança. Na Primeira Liga Inglesa, por exemplo, alguns dos mais importantes treinadores, como Alex Ferguson ou Harry Redknapp, recusaram-se, pontualmente, a dar entrevistas à BBC no final dos jogos por considerarem que a cobertura mediática feita pelo canal lhes era pouco favorável (Thakur, 2010).

O “estrabismo jornalístico” e a perigosa proximidade das fontes

O contacto direto e as entrevistas com os intervenientes na prática desportiva (na sua maioria jogadores e treinadores) constitui, justamente, um dos traços distintivos do jornalismo desportivo, ainda que, como assinalam Ruddin e Ibbotson (2002), as notícias desportivas se assemelhem às *hard news*, no que diz respeito à atenção que é dada aos detalhes, à precisão e ao cumprimento dos *deadlines*. A grande diferença, consideram os autores, reside no facto de o jornalismo desportivo permitir “uma certa forma de comentário e opinião”, podendo envolver uma boa dose de clubismo, bem como “comparações com encontros anteriores” e atenção às “reações dos adeptos”. “É de realçar que as histórias de desporto também podem incluir perfis pessoais, artigos de investigação, peças de humor e comentário”, salientam.

Luís Sobral e Pedro Magalhães, em *Introdução ao jornalismo desportivo* (1999), sublinham que “quem já esteve dos dois lados, sabe que as diferenças são menores que as semelhanças”, ressaltando que, embora a informação desportiva pressuponha um saber específico, se assemelha, nesse ponto, “a qualquer outra subdivisão que se faça na imprensa”. Thakur (2010) assinala, no entanto, que os jornalistas desportivos se deparam, grande parte das vezes, com *deadlines* mais apertados do que aqueles que são impostos aos jornalistas generalistas, devido ao facto de a grande parte dos espetáculos desportivos ocorrerem à noite e, portanto, mais perto da habitual hora de fecho dos jornais diários. “Ainda assim, espera-se que usem as mesmas ferramentas utilizadas pelos outros repórteres e que se rejam pelos mesmos princípios éticos e profissionais. Não devem demonstrar qualquer preferência por nenhum clube”, sublinha o autor.

Neste ponto, os jornalistas deparam-se com um dilema por vezes difícil de solucionar: ao mesmo tempo que se espera que sigam o ideal da objetividade, também se pretende que, em simultâneo, “celebrem ou denigrem tanto os praticantes como as equipas”. Lindsey (2010) defende que esta tensão é especialmente perceptível no desporto, uma vez que a maioria dos jornalistas está devotada a uma equipa principal ou a uma modalidade específica. Como seria de esperar, esta faceta (que não é exclusiva do jornalismo desportivo, mas que é particularmente visível nesta área) acaba por resultar numa excessiva proximidade e dependência das fontes (Novais, 2010), o que, como salientam Kovach e Rosenstiel (2004), atropela um dos pressupostos básicos do jornalismo – o da independência das fontes. Lowes (2004) realça ainda a “considerável exposição junto das massas adeptas que exigem cobertura favorável das respetivas equipas ou clubes”.

A escolha, para editores e jornalistas, é, muitas vezes, entre “oferecer conteúdo crítico e impopular junto das audiências desses clubes ou, em alternativa, sucumbir e render-se a um jornalismo populista que pode hipotecar a reputação da profissão”, numa espécie de limbo constante entre o papel de “observadores neutros” e de “críticos acutilantes” (Novais, 2010). O próprio Rowe (2005) admite que o jornalismo desportivo dá mostras de oscilar entre “o cultivo permanente de acesso às fontes primordiais” e a “diabolização desses mesmos agentes”. “Isto ocorre não só aquando da revelação de escândalos e denúncias, mas, de uma maneira geral, em função da oscilação e do desempenho dos mesmos em termos de competição desportiva”, prossegue.

Daí que Rui Novais tenha introduzido, na sua obra *A Representação do Futebol na Imprensa*, o conceito de *estrabismo jornalístico*. O autor considera que o jornalismo desportivo varia entre a “exaltação dos triunfos e sucessos” das equipas e a “crítica contundente” quando surgem as derrotas. Daí que, ao contrário do que acontece no jornalismo político, e mesmo sendo possível verificar que existe alguma “indexação em termos clubísticos e nacionalistas”, “a orientação da cobertura tende a ser muito mais imediatista e extremada”.

E se é verdade que o bom jornalismo desportivo assenta nas mesmas técnicas de escrita e de reportagem que norteiam qualquer especialidade do trabalho jornalístico, há também que ter em conta que os jornalistas desportivos devem utilizar a “terminologia única de cada desporto” (Stofer, Schaffer, Rosenthal, 2010). Lee Barfknecht, jornalista do *Omaha World-Herald*, descreve assim a sua função: “O meu trabalho é levar os fãs onde eles normalmente não podem ir – as imediações do campo e os balneários. Posso entrevistar os atletas e os treinadores com quem os adeptos não têm a oportunidade de falar.” Por isso, frisa, é importante que um jornalista desportivo saiba usar o grau de acesso que lhe é concedido.

Por sua vez, Aamidor (2003) estabelece as componentes que estão envolvidas no trabalho do jornalista desportivo: os *deadlines*, a necessidade de apresentar uma cobertura que cativa quem assistiu ao evento na televisão (com repetições que, regra geral, um jornalista desportivo não pode ver), o desafio de adivinhar e responder às questões que surgiram aos espectadores no final de um jogo, as horas tardias, o tempo passado na estrada e nos quartos de hotel. Ainda assim, o autor considera que um jornalista desportivo e um jornalista generalista enfrentam, de forma geral, os mesmos desafios: “um pode ir para um pavilhão e outro para uma esquadra ou para um evento de política nacional mas o trabalho é essencialmente o mesmo – procurar notícias, encontrar notícias, escrever notícias.”

O mesmo se pode dizer relativamente à visibilidade de um erro cometido por um jornalista, dedique-se ele ao desporto, à economia, à cultura ou à política: ao contrário do que sucede noutras profissões em que o erro é privado, uma simples gralha (muitas vezes alheia ao próprio jornalista) pode provocar irritação, riso, comentário público (Luís Sobral e Pedro Magalhães, 1999). “A exposição é o quotidiano de quem tem por função informar e contar histórias aos outros”, salientam os autores.

Quanto aos traços distintivos do jornalismo desportivo, importa ainda recordar uma afirmação de um oficial de justiça ao *Sports Illustrated*: “Eu leio sempre as páginas do desporto primeiro. A secção desportiva dá conta dos feitos das pessoas. A primeira página limita-se a retratar os fracassos.”

Do jornalismo desportivo ao jornalismo sobre desporto

Boyle (2006: 4) considera que, face à crescente preponderância da dimensão política e económica do desporto, a tradicional noção de jornalismo desportivo perde cada vez mais terreno para um outro conceito mais geral: o de um jornalismo relacionado com atividades desportivas. Até porque, recorda, o que se passa hoje em dia é que, agora, a indústria desportiva envolve regularmente os principais *media* e instituições financeiras, havendo até, em alguns casos, intervenção governamental.

Para o autor, a alargamento do leque de atividades cobertas pelo jornalismo desportivo também contribuiu para esta tendência: “Tornou-se mais correto falar em jornalismo sobre desporto, num contexto mais geral, do que num jornalismo de nicho, rotulado, de forma limitada, como jornalismo desportivo.” (Boyle, 2006: 5)

Ainda assim, não se pode dizer que a visão do desporto enquanto fenómeno mais alargado seja exclusiva dos últimos anos. Já Ignacio Ramonet, quando era diretor do *Le Monde Diplomatique*, definiu o futebol como “facto social total”, por considerar que este infere em diversos campos do social e do individual. (Luís Sobral e Pedro Magalhães, 1999: 19)

Já Luís Sobral e Pedro Magalhães (1999: 21) alertam que a especialização em temas de desporto não pode servir de justificação ao jornalista para ignorar a atualidade. “Pelo contrário, a compreensão do fenómeno desportivo implica o acompanhamento e o interesse por tudo o que o rodeia e influencia”, salientam.

Até porque, como refere Bob Hammel (citado por Abraham Aamidor, 2003: 1), “o desporto é um microcosmos do mundo que o rodeia”, envolvendo, no fundo, toda uma panóplia de tópicos – os acontecimentos sociais e financeiros, as drogas, as questões de sexo e de género, a alta finança e os negócios – que extravasam os golos e os falhanços frequentemente relatados nos jornais.

Os jornais desportivos num “duelo a três”

Boyle (2006) defende que, mesmo face ao *boom* do desporto no jornalismo televisivo, a palavra escrita e os jornais, em particular, permanecem como a verdadeira “casa” do jornalismo desportivo. O autor de *Sports Journalism: Context and Issues* considera que, apesar de o desporto ter vindo a ganhar cada vez mais importância nos noticiários televisivos, continua a ser aos jornais que os fãs recorrem quando pretendem uma análise mais profunda e um comentário a um qualquer evento desportivo. Realça também que, na maior parte das vezes, as rádios e as televisões se limitam a reproduzir histórias inicialmente divulgadas pela imprensa.

“Os jornais tabloides continuam a ser os principais divulgadores das notícias desportivas e a imprensa escrita em geral é importante para recontar as histórias muitas vezes transmitidas em direto pela televisão e pela rádio. Oferecem antevisões, especulação, comentário, análise e destaque, recursos que melhoram a experiência desportiva e se assumem como importantes elementos para os fãs”, afirma, sublinhando que há algo na forma dos jornais que vai de encontro às necessidades dos adeptos desportivos no que diz respeito a ler sobre (e reviver) um evento em particular ou os feitos desportivos da sua equipa. (Boyle, 2006)

Uma opinião partilhada por Craig Tregurtha, jornalista do *Sunday Mirror*: “A ascensão na *Sky* e o aumento das transmissões em direto das conferências de imprensa mudou o nosso papel. Contudo, acredito que ainda são os jornais a dar as histórias. Eu digo isto em dois sentidos. Há um anúncio de um novo treinador e a *Sky* pode transmitir em direto, mas nós e outros jornais tivemos conhecimento do facto antes de ele ter sido anunciado. Espero que não sejamos conduzidos pela agenda televisiva. Claro que temos noção dela mas continuo a achar que, na maior parte das vezes, são os jornais a dar as notícias, posteriormente transmitidas pela televisão.”

Ainda assim, esta disputa dos jornais desportivos com as rádios e as televisões trouxe consigo algumas alterações. “A maior mudança que ocorreu no jornalismo desportivo, ao longo dos anos, foi que os jornais descobriram que agora tinham de competir com a rádio e a televisão. Tivemos de responder com mais sensacionalismo e, muitas vezes, tentando preencher os buracos ou acrescentar alguma coisa às histórias

que já foram contadas pela televisão ou pela rádio”, contou um jornalista do *Scottish Daily Mirror*, numa entrevista dada a Raymond Boyle.

Daí que Craig Tregurtha não duvide que, para se manterem a par das necessidades dos leitores, os jornais não têm outra alternativa senão evoluir: “Com a *Sky Digital*, as pessoas podem assistir aos melhores momentos da sua equipa a um sábado à noite, se assim o entenderem. Por isso, as pessoas não querem ver um mero relato no domingo. E os jornais de domingo costumavam estar repletos de relatos, era a nossa principal função. Tudo isso mudou. Precisamos de ter mais análise, reações e material adicional que os leitores não tenham visto na *Sky* ou ouvido na rádio.” O editor de desporto do *Sunday Mirror* concorda: “Devido à quantidade de desporto disponibilizado pelas televisões, e devido à quebra nas vendas, temos que nos reinventar.”

Boyle (2006) resume a questão assim: o jornalismo desportivo, na imprensa, faz reviver a história e constrói uma ponte entre as narrativas passadas e presentes; idealmente, o jornalismo desportivo feito pelos jornais dá a conhecer o contexto mais geral em que os eventos ocorreram.

O crescente protagonismo da web

Ao “duelo” com a televisão e a rádio, veio juntar-se, ao longo da última década, um novo protagonista: a Internet. Este novo paradigma traz, como seria de esperar, mudanças significativas para o ambiente em que os jornalistas trabalham. Desde logo, o início de uma era de *breaking news*, numa lógica de notícias 24 horas por dia, onde a grande preocupação dos repórteres passa a ser a de dar a notícia o mais rápido possível, descuidando, muitas vezes, a precisão e o processo de verificação da informação. Como refere Tom Humphries (2003), preocupamo-nos cada vez mais em olhar para linha de chegada em vez de desfrutarmos a corrida. “Queremos vencedores, mesmo que os derrotados tenham melhores histórias para contar. Queremos controvérsia em vez de sabedoria. Vivemos numa era de *breaking news*. Demasiada informação, demasiado rápido, a toda a hora”, defende.

Boyle (2006) aponta as consequências: “Numa era de notícias constantes, e com uma disputa permanente para ver quem é o primeiro a divulgar a história, a

precisão e o papel fundamental do jornalista no circuito da comunicação começa a mudar. Nas notícias de desporto, a função de verificar, filtrar e de fazer com que as histórias façam sentido para os leitores, ouvintes e espectadores torna-se mais difícil, à medida que a falta de tempo limita cada vez mais a atividade jornalística.”

E sublinha que, se por um lado a Internet permite aceder com grande facilidade a um vasto leque de informação (desde logo aos *takes* divulgados pelas agências de notícias), por outro, acaba por induzir os jornalistas em práticas pouco corretas do ponto de vista deontológico como a procura de histórias em *sites* geridos pelos próprios adeptos – uma tendência que decorre, em grande parte, da pressão do tempo e da limitação de recursos e que está profundamente relacionada com uma outra, que constitui o ponto central deste trabalho: a de um “jornalismo sentado”, que se faz cada vez mais no interior das redações e em que se privilegia cada vez menos o contacto direto com as fontes e a investigação. “Os jornalistas desportivos que se dedicavam a fazer investigação foram atirados para a beira da estrada, muito por culpa desta nova cultura de notícias 24 horas por dia. Alguns jornalistas ainda o fazem, mas a pressão da falta de recursos e de tempo é tanta que isto se tem tornado cada vez mais difícil para os jornais (...), que se preocupam cada vez mais em «entregar» notícias desportivas”, sublinhou Natasha Woods, numa entrevista concedida a Raymond Boyle, em 2005.

Neste ponto, há um consenso quase generalizado entre os que se dedicam ao estudo do jornalismo ou que simplesmente o praticam no seu dia-a-dia: esta faceta representa uma vertente cada vez mais empobrecida da prática jornalística contemporânea. As razões parecem óbvias, se atendermos à crescente diminuição dos orçamentos destinados a cobrir os custos e as deslocações dos jornalistas desportivos, mas as consequências são bem mais profundas: além de se gerar uma “superdependência” das agências de notícias, os jornalistas acabam por dar cada vez mais crédito a informação divulgada pelas próprias agências de comunicação (ou relações públicas) (Boyle, 2006).

Um risco tanto mais acrescido quanto a exatidão da informação divulgada pelas agências de notícias tem vindo a decair. Ainda que assinalando que este tipo de dados continuam a ser da maior importância para o trabalho jornalístico, Craig Tregurtha defende que, “à medida que o espectro de desportos cobertos pelas agências aumentou, a sua precisão deixou de ser o que era. Daí que seja fundamental que, quem quer que execute este processo de recolha de dados, mantenha o rigor jornalístico em

verificar a exatidão do material. “Uma excessiva confiança dos jornalistas na informação disponível na *web*, sobretudo no que concerne as estrelas do desporto, pode revelar-se um negócio ruinoso”, alerta Boyle.

E há mais: o autor recorda que, hoje em dia, e ainda que muitos dos leitores raramente se apercebam disso, começa a tornar-se comum que os jornalistas (sobretudo os que se dedicam ao desporto nos jornais generalistas) não estejam no local onde estão a decorrer os eventos desportivos, a ver o desenrolar dos acontecimentos ao vivo, mas sim a assistir àquilo que é possível ver na televisão (que, por sua vez, transmite um leque cada vez mais vasto de espetáculos desportivos) e, na maior parte das vezes, a basear os seus artigos nisso.

Não espanta, por isso, que um número crescente de autores assuma que o jornalismo se faz cada vez mais longe da ação. Humphries (2003), por exemplo, pinta o cenário de uma profissão com uma crise de dignidade, motivada pela comercialização do desporto, pela ubiquidade proporcionada pela televisão e pela intensa competitividade que se verifica no mercado dos *media*. “Nós, jornalistas desportivos, somos uma raça em declínio. Não estamos em vias de extinção, somos mais do que alguma vez fomos – estamos apenas a enfraquecer. Estamos cada vez mais longe da ação e gritamos cada vez mais alto para nos fazermos ouvir”, defende.

Outro fator que tem vindo a contribuir para este afastamento dos repórteres do local onde decorre a ação prende-se com o facto de os clubes se servirem, cada vez mais, das redes sociais e de televisões próprias (Benfica TV, Barcelona TV, Chelsea TV...) para comunicarem diretamente com os adeptos e oferecerem, muitas vezes, conteúdo exclusivo, até porque as redes sociais representam uma plataforma de comunicação simples, rápida, de amplo acesso (por parte dos adeptos) e sem intermediários. Como refere Boyle (2006), trata-se de uma forma de contornar as tradicionais estruturas de comunicação jornalística e falar diretamente à audiência. A este facto, junta-se a crescente dificuldade dos jornalistas em chegar ao contacto direto com os jogadores, cada vez mais “protegidos” por uma densa rede de questões protocolares e assessores de imprensa.

Aliás, Boyle refere que, na Grã-Bretanha, muito do que passa para os consumidores de informação, sobretudo no que diz respeito à cobertura televisiva dos acontecimentos desportivos, provém de uma densa e confortável rede de ex-jogadores e atuais treinadores, sendo que, ainda segundo este autor, os jornalistas dão mostras de

estar, quase sempre, pouco preparados para desapontar este mundo fechado, colocando perguntas difíceis (*British Journalism Review*). E vai mais longe: “Demasiados jornalistas e antigas estrelas do desporto abdicam da responsabilidade de relatar honestamente porque podem desiludir pessoas importantes ou danificar a sua própria carreira.” É aquilo a que Eamon Dunphy, antigo internacional irlandês, apelida de “*soft consensus*” no jornalismo desportivo.

Rui Novais (2010) assinala ainda uma outra tendência predominante no jornalismo contemporâneo: o tratamento noticioso centrado no entretenimento e no culto da celebridade, que passa, muitas vezes, pelo endeusamento e promoção ao estrelato de alguns dos protagonistas da prática desportiva (a atenção mediática dada a Cristiano Ronaldo constitui, provavelmente, o expoente máximo desta tendência).

Tudo isto obriga a que os jornalistas se rendam a uma lógica de evolução constante, para conseguirem acompanhar as diferentes necessidades dos leitores e a forma como o desporto é coberto pelos *media* (Craig Tregurtha, 2004). Daí que, defende Boyle, os repórteres tenham, cada vez mais, de se preocupar em encontrar um novo ângulo e acrescentar alguma coisa aos eventos a que, muitas vezes, os leitores já assistiram na televisão. “A expansão do jornalismo desportivo tem sido conduzida pelo aumento do comentário, dos artigos de opinião e das notícias especulativas, que dão conta do que está prestes a acontecer”, salienta o autor.

Por isso, Rui Novais (2010) defende que, atualmente, o jornalismo desportivo, seja no caso dos jornais especializados ou nas editorias de desporto das publicações generalistas em particular, oscila entre “o imediatismo da oferta informativa ou cobertura noticiosa pura e a dependência do comentário de *experts* que participam na construção da perceção dos eventos”. “Na verdade, apesar de focalizada na ação desportiva, a cobertura mediática tende igualmente a considerar o que está a montante e a jusante dos eventos desportivos, antecipando e refletindo sobre os confrontos, muitos dos quais altamente previsíveis”, prossegue.

O próprio livro de estilo do jornal *Público* (1998) distingue “três níveis essenciais na construção das peças: apresentação dos factos, que pode ser a divulgação da opinião de terceiros – a informação; o relacionamento desses factos entre si – a interpretação; e o juízo de valor sobre esses factos – a opinião” e explica a distinção entre as três categorias citando Lester Markel, presidente honorário do Instituto Internacional de Imprensa. “É notícia informar que o Kremlin acaba de lançar uma

ofensiva de paz. É interpretação explicar as razões dessa medida. É opinião adiantar que qualquer proposta soviética deve ser recusada, pura e simplesmente.”

De facto, a realidade é que, face às crescentes exigências dos leitores, relatar os factos se torna cada vez mais insuficiente: é preciso também interpretar com isenção e explicar por que motivo os factos acontecem (Luís Sobral e Pedro Magalhães, 1999). Aliás, um estudo publicado pelo Centro Europeu de Jornalismo, em 1999, esclarece que “o jornalista deve passar a ser um fornecedor de conhecimento e não apenas alguém que entrega factos”.

Luís Sobral e Pedro Magalhães (1999) sintetizam: “Observar é quase nada. Permitir que o cidadão observe é, também, pouco. Para compreender e tornar um acontecimento compreensível o jornalista tem de colocar as fontes em confronto, dar-lhes voz e contextualizar o que dizem. Por entre esse «ruído» encontrará o que escrever, quantas vezes tão diferente da informação inicial.” Para os autores, o jornalista não deve limitar-se a repetir e contrapor até à exaustão declarações de porta-vozes: deverá haver, isso sim, um esforço de contextualização e de ambição explicativa. Como refere Mário Mesquita (1998): “Não basta relatar os factos com verdade. É necessário dizer a verdade sobre os factos.”

Vantagens e oportunidades

Apesar de haver quem considere que a idade de ouro do jornalismo desportivo terminou (Williams, 2003: 3-4), a realidade é que o incremento das novas tecnologias na rotina diária das redações oferece um vasto leque de possibilidades e oportunidades. Mais do que uma simples ferramenta de pesquisa, a Internet pode também funcionar como um importante veículo na hora de aprofundar ou continuar a investigar uma dada notícia: esta dupla vantagem da web é algo que tem vindo a ser reconhecido pelos jornalistas desportivos (Boyle, 2006: 136).

Por isso, Koppett não tem dúvidas de que as potencialidades dos computadores portáteis e da Internet vão continuar a mudar a forma como os repórteres, os publicitários e os escritórios interagem, sendo que as rotinas nas bancadas de imprensa terão, necessariamente, de refletir estas mudanças. (2003: 273) “O portátil torna

possível a comunicação e a procura instantânea a um ponto que nós antes nem sonhávamos ser possível”, salienta.

E, tal como Richard Williams assinalou numa entrevista dada a Raymond Boyle, a tecnologia facilita a vida: “Não tens de ficar em linha à espera de conseguir fazer uma chamada. As novas tecnologias tornaram a profissão de 24/7 mais fácil, mas também mais agradável. Lembro-me de cobrir uma partida de rugby quando tinha 18 anos e de ter de correr um quarto de uma milha para dar a informação através de uma cabine telefónica e, enquanto isso acontecia, tinha de pedir a alguém para ver o jogo por mim. Isso agora não acontece.” (Boyle, 2006: 139)

Mas as potencialidades que a Internet oferece ao mundo do jornalismo desportivo não se ficam por aqui: se bem aproveitados, os *sites* dos principais órgãos informativos podem representar a plataforma ideal para os jornais estenderem a sua marca através de uma presença *online*, uma questão devidamente assinalada por Bell, ainda em 2005: “Parece-me claro que o futuro do jornalismo escrito passa muito mais pela distribuição eletrónica do que pelas páginas impressas.” O próprio Andrew Thompson, responsável pela *BBC Sport News*, acreditava, já em 2005, que, cada vez mais, o coração do jornalismo desportivo iria estar na *web*.

A tendência foi verificada por Boyle, na análise do panorama mediático da Grã-Bretanha: “Apesar da explosão de material na *web*, em termos de jornalismo desportivo, o impacto tem sido em termos de reforçar as marcas de *media* já existentes. Assim se explica que a *BBC Sport* e a *Sky Sports* sejam dois dos principais sites de informação desportiva.”

Muitos usam o *site* para divulgar uma versão mais sucinta da história, remetendo os leitores para uma versão mais alargada no jornal que vai sair no dia seguinte. (Boyle, 2006: 134) E se as peças de desporto escritas especificamente para a *web* são, regra geral, mais curtas do que as que são publicadas nos jornais, a verdade é que muito do material que sai nas páginas do *The Times*, do *The Guardian*, do *The Independent* e do *The Daily Telegraph* acaba por ser publicado nos respetivos *sites*. (Boyle, 2006: 132) “Em 2005, os artigos de desporto estavam invariavelmente entre as mais lidas”, assinala o autor.

Ainda assim, e se é verdade que o desenvolvimento do jornalismo desportivo *online* representa uma parte essencial da estratégia de qualquer organização de notícias,

a realidade é que o mercado da imprensa desportiva tem sobrevivido numa era em que outras áreas do jornalismo parecem estar a decair. Boyle (2006: 142) defende até que a cobertura desportiva *online* parece não ter tido um impacto significativo no apetite dos leitores pela tradicional variedade dos jornais.

A importância de um jornalismo rigoroso numa era de mudança

Um dos principais desafios a ter em conta no jornalismo desportivo contemporâneo diz respeito à prática de um jornalismo rigoroso e independente, cada vez mais necessário face à expansão da indústria desportiva e a quantidade de investidores comerciais e políticos envolvidos (Boyle, 2006: 5).

Enquanto jornalistas, enfrentamos o desafio de contar a história tal como a encontramos, sendo que, para isso, temos de resistir à tentação de simplesmente acompanhar a concorrência (Boyle, 2006: 23). A dificuldade deve reforçar o esforço do jornalista em busca do rigor (...), sendo que a verdade, no futebol, é demasiadas vezes moldável e multicolor. (Luís Sobral e Pedro Magalhães, 1999: 20)

Tal como sucede com os repórteres de outras áreas, o jornalismo desportivo envolve investigar uma história, em vez de simplesmente confiar nos *press releases* e declarações pré-fabricadas dos clubes. Os jornalistas desportivos devem verificar os factos que lhes são dados pelos atletas, equipas, ligas e organizações que cobrem (Thakur, 2010: 2).

Ainda assim, a realidade é que nem sempre isto acontece, como provou a análise da cobertura noticiosa do Mundial 2010, feita por Rui Novais. O autor constatou que um certo grau de “homogeneização do conteúdo em virtude de se tratar do mesmo evento e porque os jornalistas desportivos em grande medida funcionam no sistema de grupo: acedem às mesmas fontes e partilham algumas das demais rotinas essenciais (Rui Novais, 2010: 59).

Daí que o jornalista desportivo da atualidade tenha de estar disposto a fazer mais do que relatar um evento com citações obrigatórias previamente fornecidas pelos jogadores: deve, em vez disso, oferecer ao leitor o seu ponto de vista pessoal de um evento que a maior parte dos leitores já viu na televisão, com o máximo de qualidade de

escrita e com um ângulo que seja, no mínimo, inovador e cativante. Enquanto jornalista e antigo editor do *The Guardian*, Peter Preston salienta: “Não existe verdadeiramente uma escrita desportiva, apenas grandes escritores a descrever o desporto com o mesmo fôlego com que descrevem a vida. (*Guardian*, 1996)” Tal como salienta Boyle: “Enquanto muitas das características do jornalismo mudaram na era digital (...), a habilidade e o poder de permitir às pessoas reviver os momentos desportivos permanece como um poderoso trunfo da imprensa desportiva (...) (2006: 143).

O caso do PÚBLICO

Concluída a revisão de literatura sobre as principais tendências do jornalismo contemporânea – e o jornalismo sentado em particular –, impõe-se uma análise prática do caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO, onde decorreu o meu estágio curricular (entre 6 de outubro de 2011 e 6 de janeiro de 2012).

Organização e funcionamento

Antes de mais, e para melhor se perceber a análise que posteriormente é desenvolvida, importa explicar a organização e funcionamento da secção de Desporto do jornal PÚBLICO.

Em Lisboa, a secção é constituída por cinco jornalistas (Hugo Daniel Sousa, Marco Vaza, Filipe Escobar de Lima, Tiago Pimentel e Paulo Curado), um editor (Jorge Miguel Matias) e uma secretária de redação (Cristina Ferreira¹). No Porto, a estrutura é semelhante, mas existem apenas três jornalistas a tempo inteiro na redação (Manuel Assunção, David Andrade e Manuel Mendes), um editor (Nuno Sousa) e um secretário de redação (Manuel Alves) – a estes, juntam-se alguns colaboradores: é o caso, por exemplo, de Mário Almeida, que costuma fazer os textos sobre os jogos dos atletas portugueses nas competições internacionais ou de Bruno Prata, o grande “analista futebolístico” do jornal.

Pela experiência que tive oportunidade de ter, na redação de Lisboa, as coisas processam-se da seguinte forma: um dos jornalistas da secção (escolhido de forma rotativa) fica responsável, ao longo de todo o dia, pela constante atualização do site, entrando logo de manhã e ficando até perto do final da tarde; quanto aos outros, entram depois de almoço, sendo-lhes distribuído trabalho à medida que o editor percebe quantas páginas há para o dia e quais os temas que vale a pena abordar. Na maior parte das vezes, saem por volta das 9/10 da noite.

De referir que, por muito que, por diversas vezes, seja visível, por parte do jornal, um esforço de fugir a uma dose excessiva de futebol, este continua a ser preponderante nas páginas de Desporto do PÚBLICO. De facto, grande parte das aberturas relaciona-se com este desporto, sobretudo quando há jogos dos chamados três

¹ Esta era a estrutura em vigor na altura em que efetuei o meu estágio. Com os despedimentos entretanto anunciados, é possível que se verifiquem alterações a este nível.

grandes (leia-se: Benfica, FC Porto e Sporting) – neste caso, é regra o jornal trazer uma crónica de jogo, uma ficha de jogo, as reações dos treinadores e uma caixa para os aspetos mais positivos e negativos da partida em questão. Ainda no que toca aos jogos destes três emblemas – isto serve também para os jogos da seleção nacional – de referir que, no dia dos jogos, o jornal costuma publicar uma espécie de antevisão do encontro, em que, regra geral, além das declarações do treinador, é também analisado o atual momento da equipa.

Ainda assim, nota-se, no caso do PÚBLICO, uma clara tentativa de não cingir a cobertura desportiva ao futebol: a Fórmula 1, o Ténis e o basquetebol norte-americano, por exemplo, são modalidades frequentemente abordadas. De resto, com maior ou menor relevância, quase todas as principais modalidades acabam por ir tendo espaço no jornal, ainda que, nalguns casos, tal só sucede de haver um acontecimento especialmente relevante: por exemplo, só há uma alusão à ginástica por uma dupla portuguesa ter trazido, pela primeira vez na história da ginástica portuguesa, uma medalha de ouro de um campeonato da Europa.

Refira-se ainda que, na redação do Porto, os jornalistas trabalham de forma idêntica aos repórteres da redação de Lisboa: o trabalho é distribuído entre todos e os vários jornalistas (de ambas as redações, estagiários incluídos) vão trabalhando num programa comum, em que o texto é inserido diretamente nas páginas. Quanto aos colaboradores, ou se deslocam propositadamente à redação para escrever, ou enviam por email, sendo que, neste caso, cabe normalmente ao editor “encaixar” os respetivos textos nas páginas.

Análise

Ao longo deste capítulo, debruçar-me-ei sobre alguns dos aspetos que tive oportunidade de constatar enquanto estive inserida na redação do jornal, bem como sobre as conclusões de uma análise exaustiva dos jornais de novembro. Optei por escolher este mês porque, dos três meses de estágio, foi aquele em que mais estive presente na redação, tendo acompanhado, por isso, mais de perto o processo de seleção e redação das notícias.

A análise de jornais permitiu-me, desde logo, concluir que, ao longo do mês de novembro, foram publicadas, na secção de Desporto do jornal PÚBLICO, um total de 250 notícias, sendo que, destas, 222 (88,8%) foram redigidas sem que o jornalista tenha saído da redação – apenas em 28 casos (11,2%; conferir tabela em anexo) os repórteres foram ao exterior.

De registar que uma fatia significativa (mais de um terço) das saídas da redação registadas durante o mês novembro, na secção de Desporto, se destinou a cobrir os jogos do Benfica, FC Porto e Sporting.

De facto, das 28 notícias que contemplaram saídas da redação:

- Doze foram para cobrir jogos de futebol – dez dos três grandes (APOEL vs FC Porto, Benfica vs Basileia, Olhanense vs FC Porto, SC Braga vs Benfica, Sporting vs Leiria, Naval vs Benfica, Académica vs FC Porto, Sporting vs SC Braga, Benfica vs Sporting, FC Porto vs SC Braga), uma para fazer uma crónica de jogo do SC Braga vs Maribor (encontro da Liga Europa) e uma para cobrir o Portugal vs Bósnia, no Estádio da Luz.

- Duas foram redigidas em Nicósia (Chipre), pelo jornalista Bruno Prata² que se deslocou ao país para cobrir o APOEL vs FC Porto, encontro da Liga dos Campeões.

- Uma (sobre Andre Agassi) foi escrita pela jornalista Ana Marques Gonçalves, que viajou para Las Vegas a convite da Longines (como está devidamente assinalado no jornal) e assistiu ao discurso do ex-tenista numa gala do *Andre Agassi College Preparatory*.

- Uma – sobre o título europeu de ginástica acrobática conquistado por uma dupla portuguesa – foi escrita por mim, sendo que, para a redação do texto, visitei as instalações do Ginásio Clube Português e falei diretamente com os jovens atletas [conferir anexos].

- Duas tiveram como objetivo a escrita de reportagens: neste caso, sendo necessário retratar o ambiente, era imperativo que se fosse ao local (casos das reportagens sobre o Grupo Desportivo Fabril e o Hóquei Clube de Turquel).

² O jornalista Bruno Prata é também comentador da RTP, sendo que, neste caso, as despesas da viagem ao Chipre foram asseguradas pela estação pública de televisão.

- Sete foram escritas com base na ida às *Football Talks*, uma série de conferências que decorreram em Cascais e que, como o próprio nome indica, reuniram vários especialistas de futebol que se debruçaram sobre algumas das questões mais pertinentes deste desporto.

- Numa (sobre o estado do hóquei em Portugal), o jornalista Manuel Assunção deslocou-se propositadamente a uma conferência de apresentação de um livro de Fernando Castro (“Campeonatos do Mundo de Hóquei em Patins”), onde sabia que iam estar o atual jogador do FC Porto, Reinaldo Ventura, e o antigo jogador da seleção nacional, Cristiano Pereira, para recolher depoimentos sobre o tema.

- Noutra, o jornalista Paulo Curado marcou presença na apresentação pública do programa eleitoral de Carlos Marta, na candidatura às eleições para a presidência da Federação Portuguesa de Futebol.

- Houve ainda uma saída do jornalista Paulo Curado para realizar uma entrevista exclusiva ao candidato Carlos Marta.

Concluo, por isso, que, além de a esmagadora percentagem de notícias ser escrita na redação, as poucas saídas que os jornalistas efetuaram destinaram-se, na maior parte dos casos (em quase metade das situações) a cobrir jogos de futebol, sendo que só esporadicamente os editores optaram por enviar repórteres para fora da redação para cobrir temas diferenciados, que fugissem à chamada ordem do dia.

Relativamente à cobertura de jogos de futebol, a política editorial seguida é a seguinte³:

- No caso dos três grandes, o jornalista vai sempre ao estádio, a não ser que o encontro decorra na Madeira (neste caso, a ida ou não de um repórter está dependente do orçamento).

- No caso do SC Braga, é variável: normalmente nos jogos em casa vai alguém ao estádio, até porque o PÚBLICO tem lá um colaborador (Samuel Silva), fora nem tanto. Mas, como refere Nuno Sousa, editor da secção de Desporto na redação do Porto, “se se tratar de um Paços de Ferreira vs SC Braga, mais para o final do campeonato, e a equipa estiver no segundo lugar, numa altura decisiva do campeonato, vai-se”.

³ Esta política de saídas no que diz respeito aos jogos de futebol foi-me explicada pelo editor de Desporto na redação do Porto, Nuno Sousa.

- Quanto às competições europeias, o caso parece ser ainda mais variável. Nuno Sousa refere mesmo que “não há propriamente um critério previamente estabelecido”. “O principal critério é haver dinheiro ou não, daí que haja até alguma arbitrariedade. Isto porque há um determinado bolo orçamental para o Desporto (para o ano inteiro) e, por exemplo, este ano, como o jornal gastou muito dinheiro na cobertura do Euro 2012 e dos Jogos Olímpicos, há sítios onde íamos antes e a que agora não temos ido”, salientou.

Diferente é o panorama no que diz respeito à cobertura das conferências de imprensa dos treinadores dos principais clubes aquando da antevisão dos encontros da jornada. Nuno Sousa refere que “normalmente, na véspera de jogos importantes vai-se (antes do jogos do Benfica com o Barcelona, por exemplo), de resto não”. No entanto, sublinha que neste caso, ao contrário do que sucede com outro tipo de saídas (em que as notícias têm de ser escritas a partir da redação, uma vez que, devido aos constrangimentos orçamentais, não há possibilidade de o jornalista se deslocar ao local do acontecimento), se trata mais de “uma opção editorial”. “Como apostamos mais em coisas que fujam à agenda e que tenham uma abordagem diferente, muitas vezes não se justifica ir a uma conferência de imprensa para depois ter de escrever 6000 caracteres numa perspetiva diferente e com base em declarações de outros contactos. Além de que, regra geral, em Portugal, as conferências de imprensa dos treinadores são mais do mesmo”, esclarece.

De resto, como a análise do jornais PÚBLICO do mês de novembro permite perceber, as (poucas) saídas acontecem, regra geral, quando há uma tentativa de fazer um trabalho diferente – ou, quando dentro de um tema muito “badalado” se procura um lado que fuja às perspetivas abordadas pela concorrência.

Há ainda a referir a deslocação da jornalista Ana Marques Gonçalves a Las Vegas, a convite da *Longines*. Como ponto positivo, há a destacar o facto de o jornal fazer questão de assinalar a questão ao leitor (mostrando que privilegia a lealdade para com o mesmo). No entanto, e apesar de estas deslocações pagas serem uma forma de contornar as crescentes limitações orçamentais com que se deparam grande parte dos jornais, levantam sempre questões pertinentes do ponto de vista ético e deontológico – a realidade é que, por muito correto e profissional que um jornalista tente ser, nestas

condições a sua imparcialidade (por exemplo, na cobertura de eventos que envolvam a marca em questão) fica sempre ameaçada, senão mesmo comprometida.

De salientar que, pontualmente, o jornal utiliza também notícias publicadas pela *Agência Lusa* – seja copiando-as integralmente (sendo que, neste caso, estas são devidamente identificadas), seja utilizando grande parte do seu conteúdo e fazendo apenas pequenas modificações (neste caso, pode surgir a indicação PÚBLICO/Lusa ou podem surgir sem qualquer assinatura).

Ainda assim, a minha experiência no jornal PÚBLICO permitiu-me constatar que a predominância dos conteúdos divulgados pelas agências de notícias (não só a *Lusa* mas também a *Reuters*, a *France Press* e a *Associated Press*) extravasa largamente o espectro de notícias que, no jornal, surgem identificadas como sendo da *Lusa*. De facto, face aos constrangimentos orçamentais, e sendo muitas vezes obrigados a redigir os textos sem saírem da redação, os jornalistas veem-se obrigados a ir beber grande parte da informação à Internet – e neste campo as agências constituem uma fonte privilegiada, acabando por moldar, de forma significativa, os conteúdos produzidos.

A originalidade das notícias e a diversidade das fontes

No seguimento da análise que efetuei, estabeleci inclusivamente uma espécie de hierarquia no que diz respeito à originalidade das notícias e à diversidade das fontes. Partindo-se das mais trabalhosas (aquelas em que há maior cuidado de investigação e de procura de fontes) para aquelas que implicam menos trabalho por parte do jornalista (e consequentemente acarretam menor diversidade informativa) teríamos:

- Furos
- Reportagens
- Temas/abordagens diferentes
- Declarações exclusivas
- Notícias que implicam saída da redação
- Notícias redigidas na redação, sem qualquer declaração exclusiva

- Notícias PÚBLICO/Lusa (ou não assinadas)
- Notícias integralmente copiadas da Agência Lusa, devidamente identificadas.

O problema, hoje em dia, como comprova o caso do PÚBLICO, é que o grosso das notícias se concentra esmagadoramente nas três últimas categorias desta hierarquização, justamente aquelas em que o jornalismo pior cumpre a sua função de quarto poder e de vigilante da democracia.

O aumento do sedentarismo e a diminuição das saídas da redação são reconhecidos pelo próprio editor da secção de Desporto do PÚBLICO (em Lisboa). “A percentagem aumentou drasticamente. Há muitos dias da semana em que as notícias são feitas sem que o jornalista saia da redação”, reconhece, recordando que “antes era muito mais frequente a deslocação aos locais onde os acontecimentos decorriam”. “Uma vez que não havia internet, o acesso à informação tinha de ser feito, muito mais vezes, *in loco*”, salienta Jorge Miguel Matias. E, acredita o responsável da secção desportiva, a tendência é para as coisas ficarem, deste ponto de vista, cada vez piores: “Pessoalmente, creio que a crescente dificuldade financeira, que afeta os órgãos de comunicação social, vai apenas agravar a situação.”

Quanto a causas, Jorge Miguel Matias aponta os “constrangimentos orçamentais, que limitam as saídas” mas também a “diminuição do número de pessoas nas redações” e o “crescente volume de informação” que acabam por limitar os editores no envio de repórteres para o terreno e por ter consequências em termos da qualidade de informação que é fornecida ao leitor: “Acima de tudo, há uma perda de diversidade informativa. Para além disso, aumenta o risco de a informação ser “formatada” por parte de quem a oferece aos jornalistas.”

Ainda assim, não deixa de encarar a *Internet* como um recurso precioso no dia-a-dia dos jornalistas que coordena. “Vejo-a como algo benéfico, porque nos alarga os horizontes e o acesso à informação (funcionando, também por isso, como instrumento de trabalho). O que desvirtua o trabalho do jornalismo, na minha opinião, não é a *Internet*, são os constrangimentos financeiros que tomaram conta das empresas de comunicação social”, elucida.

Temas/ abordagens diferenciadores(as)

Como já foi referido, o jornal tenta, por vezes, compensar a diminuição drástica no número de saídas da redação com um aumento das notícias que procuram diferenciar-se da concorrência, seja pelas temáticas focadas, seja pela perspetiva original dentro de um tema que esteja na ordem do dia. Das 250 notícias publicadas ao longo do mês de novembro, 32 encaixam neste critério (12,8%).

Eis os trabalhos publicados em novembro em que, no meu entender, o jornal procurou fugir à ordem do dia:

- A aposta de Guardiola em jogadores das camadas jovens do Barcelona. Partindo da estreia de Cuenca no último jogo dos catalães, o jornalista faz uma análise da política seguida pelo técnico catalão, chegando a conclusões e números relevantes, que poderão prender o leitor: entre 2008 (ano em que chegou ao clube) e a data de publicação da notícia, Guardiola lançou um total de 19 atletas, sendo que destes só três ficaram efetivamente no plantel principal.

- Os repetidos choques entre Massa e Hamilton, dois pilotos de Fórmula 1. Partindo do mais recente choque entre os dois pilotos, o jornalista recupera anteriores embates entre ambos (chegando à conclusão que, ao longo de 2011, chocaram por seus vezes – um número invulgar nesta modalidade) e associa a esse facto uma vertente mais pessoal, recordando que os pilotos não se falam há meses.

- A história de Shaquiri, atualmente um dos principais jogadores do futebol suíço. Neste caso, o jornalista procura uma característica particular e diferenciadora do protagonista da notícia – ter sido um refugiado do Kosovo – para dar a conhecer aos leitores uma história fora do comum.

- Partindo dos assobios de que foi alvo Vítor Pereira, treinador do FC Porto, no último encontro dos dragões, os jornalistas fazem uma análise à prestação da equipa nas competições europeias e comparam-na com a de épocas anteriores (chegando à conclusão que, apesar de a equipa não estar, na altura, muito bem posicionada no seu grupo da Liga das Campeões, o plantel azul e branco já tinha feito campanhas piores e, mesmo assim, conseguiu o apuramento).

- O facto de Kelly Slater ter sido o mais jovem e o mais velho surfista a tornar-se campeão do mundo e prometer continuar em boa forma aos 50 anos: neste caso, embora aborde um tema que está na ordem do dia (o facto de Kelly Slater se ter voltado a sagrar campeão do mundo), o jornal procura fugir à chamada abordagem convencional, procurando antes contar ao leitor os traços distintivos da carreira de Slater, numa espécie de mini perfil do atleta que é hoje quase uma lenda da modalidade.

- Portugueses são os mais distinguidos com a Bota de Ouro: com base no prémio atribuído a Ronaldo, pela segunda vez, o jornalista Marco Vaza recupera alguma da história e dos vencedores deste galardão e chega à conclusão que, na história da Bota de Ouro, os atletas portugueses foram os que mais vezes receberam a distinção (tal como CR7, também Eusébio e Fernando Gomes já tinham conquistado o prémio por duas vezes). Novamente, o jornal tenta fugir àquilo que seria a notícia óbvia: “Ronaldo volta a vencer a Bota de Ouro”.

- O conselho de Agassi aos jovens. Aproveitando uma viagem para Las Vegas, a convite da *Longines*, Ana Marques Gonçalves marcou presença numa gala da *Andre Agassi College Preparatory Academy* e resumiu as principais afirmações do antigo tenista e ícone do desporto. Apesar de se depreender que a notícia foi publicada apenas porque a *Longines* (patrocinadora de Agassi) convidou o PÚBLICO a viajar até Las Vegas, a jornalista procurou fazer do evento uma história que cativasse os leitores, dando-lhe até traços de reportagem, como podemos perceber pelo início do texto:

“«Eu tinha 27 anos quando escolhi o ténis.» À primeira afirmação, o desarme. Andre Agassi continua o mesmo. Só as rugas recém-adquiridas e os cabelos brancos que espreitam da careca propositada distinguem o homem de hoje do tenista de ontem. O caminhar característico é o mesmo. A assertividade continua lá. A sinceridade também.”

- O jogo mais cedo da vida de Ronaldo: Em vez de uma normal antevisão do jogo do Real Madrid com o Osasuna, o jornalista procura dar à notícia uma outra roupagem, focando o facto de o jogo se realizar às onze da manhã, algo que não é de todo habitual.

- Ultraman: a história de um português que vai competir numa prova com 10 km de natação, 420,6 km de bicicleta e 84,3 km de corrida. Neste caso, percebe-se que há

uma procura deliberada do jornal em contar uma história que não tenha sido abordada pela concorrência⁴.

- Sessenta milhões de chineses viram três golos de Ronaldo e sete do Real Madrid. À imagem do que já tinha sido feito na antevisão do embate entre o Real Madrid e o Osasuna, nota-se, por parte do jornalista, uma tentativa de contar a história de uma forma que fuja ao padrão. Neste caso, destacam-se os números divulgados pela Pequim TV: terá havido cerca de sessenta milhões de chineses a assistir ao jogo pela televisão, o que, de alguma forma, legitimou a posição da Federação espanhola que há muito pretendia que os jogos se realizassem mais cedo.

- Caso dos alegados insultos racistas de Javi Garcia (jogador do Benfica) a Alan (jogador do SC Braga). Neste caso, o jornalista pega num dos assuntos quentes do momento, procurando, mais uma vez, abordá-lo numa outra perspetiva – analisando o Regulamento Disciplinar da Liga e falando com juristas e um antigo membro da Comissão Disciplinar da Liga, chega à conclusão que Javi só poderá ser multado, ao passo que o brasileiro corre o risco de apanhar três jogos de castigo.

- À margem deste caso, e tendo em conta a grande atenção mediática que lhe foi dada, o jornal recupera outros casos de provocações racistas que já ocorreram no futebol internacional.

- Poucos goleadores na Europa valem tanto como Baba. É feita uma análise aos melhores marcadores dos principais campeonatos europeus e ao peso dos golos que apontaram relativamente ao total de golos marcados pela equipa e conclui-se que o avançado do Marítimo Baba é um caso raro de preponderância goleadora (só ele apontou metade dos golos da equipa).

- O último assalto de Smokin' Joe. Procura-se ir além da notícia da morte do antigo lutador de boxe, recordando-se os pontos altos da sua carreira e fazendo uma retrospectiva de todo um percurso marcado, sobretudo, pelos combates emblemáticos com o adversário de sempre, Muhammad Ali.

- Defesa de Portugal é a pior desde 1970. Partindo das declarações do seleccionador bósnio (referiu que a seleção portuguesa não defende bem e sofre muitos golos), o jornalista foi à procura da média de golos sofridos por Portugal nas fases de

⁴ Pelo que tenho observado, enquanto leitora do PÚBLICO, a linha editorial do jornal vai cada vez mais ao encontro deste tipo de *estórias*.

qualificação para todos os Europeus e Mundiais desde 1934 e concluiu que Safet Susic tinha razão: a média de golos sofridos no apuramento para o Euro 2012 foi a pior das últimas 21 fases de qualificação.

- A ondulação perfeita e o recorde de Garrett McNamara. Neste caso, há uma tentativa de se fugir ao desporto na sua vertente mais “tradicional”, enveredando-se mais por uma perspetiva de *fait divers*: a possibilidade de um surfista norte-americano ter batido um recorde mundial, surfando, na Nazaré, a maior onda do mundo (com perto de 30 metros).

- Ginástica: Aproveitando o facto de, pela primeira vez, uma dupla portuguesa de ter sagrado campeã europeia em *all-round* (ginástica acrobática), o jornalista (neste caso, eu) deslocou-se ao Ginásio Clube Português – local onde os atletas treinam – para perceber como é o dia-a-dia destes ginastas e como foi possível sagrarem-se campeões na Bulgária. Conclui-se que, apesar do ótimo desempenho, os atletas deparam-se com uma grande falta de apoios por parte do Estado.

- Jogos históricos da seleção. No contexto do jogo da seleção nacional, o jornal recupera uma série de embates que ficaram na história dos confrontos da equipa das quinas.

- A sintonia perfeita entre Portugal e Ronaldo foi encontrada. Para analisar o momento da seleção (depois de uma goleada sobre a Bósnia que garantiu a presença no Europeu), o jornalista analisa os números de Cristiano Ronaldo, constatando, desta forma, a influência do jogador do Real Madrid na campanha vitoriosa da equipa portuguesa.

- Análise da seleção que irá participar no Euro: nesta peça, analisam-se as características da equipa que iria participar na prova, traçando-se as semelhanças e as diferenças relativamente ao início da campanha de apuramento.

- Na sequência da conferência *Football Talks*, que decorreu em Cascais, o jornal procurou aproveitar para explorar temas menos abordados, fugindo à simples cobertura do evento. Para isso, foram feitas entrevistas exclusivas a dois dos oradores do congresso (Karl-Heinz Rummenigge, presidente executivo do Bayern Munique, e Frank Rutten, CEO da Liga Holandesa), tendo também sido publicado um trabalho sobre a importância dos fundos de investimento – e o facto de serem ou não benéficos para o

futebol (com a opinião de Fernando Gomes, à margem do congresso e de Álvaro Nascimento, professor da Universidade Católica).

- Hóquei em patins: falando com várias referências da modalidade (do presente e do passado), o jornalista procurou averiguar se a modalidade se encontra ou não em crise e concluiu que, apesar de todos os problemas que enfrenta, “o hóquei em patins está vivo”. Juntamente com este trabalho, foi também publicada uma reportagem sobre a vila de Turquel, uma localidade (conhecida por “Aldeia do Hóquei”), onde, como referem os habitantes locais, “se vive e respira o hóquei em patins”.

- Sporting tem pressa de marcar e Benfica aguenta bastante sem sofrer. Neste caso, e mesmo que tendo por base um dos temas mais badalados do momento, aproveitam-se as estatísticas de ambos os clubes na Liga para antecipar o *derby* entre as duas equipas, novamente numa perspetiva que fuja àquilo que é feito pela concorrência.

- O *derby* do desempate para Jesus e Domingos: mais uma vez abordando um dos assuntos quentes do momento (o *derby* Benfica – Sporting), os jornalistas recorrem, desta vez, à análise dos anteriores resultados entre os técnicos de ambas as equipas para antecipar o jogo sem recorrer ao *modus operandi* mais habitual: construir um texto a partir das declarações feitas pelos treinadores, nas conferências de imprensa de lançamento da partida.

- Seis meses após a final de Dublin, o SC Braga está mais mudado que o FC Porto (antevisão FCP vs SC Braga). Caso semelhante ao anterior: antecipa-se o embate entre as duas equipas, mas da perspetiva das mudanças que ocorreram em ambas as equipas, desde que se defrontaram em Dublin, na final da Liga Europa.

- Halterofilismo: morte de Vasili Alexeyev. À imagem do trabalho que foi feito aquando da morte do pugilista Joe Frazier, procura fazer-se uma espécie de perfil do mítico halterofilista da União Soviética, considerado em tempos “o homem mais forte do mundo”, em vez de uma notícia que simplesmente desse conta da morte do atleta. Para isso, recuperam-se histórias e declarações emblemáticas do atleta, bem como passagens que tenham sido escritas sobre ele, ao longo da sua carreira.

- Entrevista exclusiva a Carlos Marta, um dos dois candidatos à presidência de Federação Portuguesa de Futebol.

- Depressão no desporto. Partindo do suicídio de Gary Speed, antigo seleccionador do País de Gales, recordam-se outros casos de desportistas que puseram fim à própria vida (caso do antigo guarda-redes do Benfica, Robert Enke) e fala-se com um especialista em Psicologia Desportiva para perceber até que ponto os atletas de alta competição estão sujeitos a depressões (e o porquê de isso acontecer).

- Fórmula 1: Regresso de Raikkonen coloca lado a lado seis campeões mundiais. Procura-se fugir à típica notícia de atualidade da modalidade, tomando-se, neste caso, a perspectiva dos vários campeões mundiais que estarão a competir entre si.

Declarações exclusivas

Além das notícias em que se procura abordar um tema ou uma perspectiva diferenciada, há ainda um outro caso em que, dentro de um assunto que esteja na ordem do dia, há uma tentativa, por parte de jornalistas, de contactar diretamente as fontes, tentando assim diferenciar, de uma outra forma, a informação veiculada para o público. De referir que, também neste aspeto, é evidente o crescente sedentarismo do trabalho jornalístico, uma vez que, regra geral, as fontes são contactadas via telefone. Num caso particular, em que o jornalista tem antecipadamente acesso ao programa de um dos candidatos às eleições da Federação Portuguesa de Futebol, a informação é recebida por email.

Percebe-se, por isso, que há cada vez menos lugar para o contacto direto e para o estabelecimento de confiança entre jornalista e fonte – que durante décadas foi um dos pilares do jornalismo.

Das 250 notícias de Desporto publicadas ao longo do mês de novembro, 18 encaixam neste critério⁵ (7,2% portanto):

- Hóquei em patins: na notícia sobre o facto de a Federação Portuguesa de Hóquei em Patins exigir uma sanção para o boicote feito galegos do Liceo, a jornalista contacta diretamente um dos representantes da Federação.

⁵ Excluem-se desta contagem as entrevistas, as reportagens e os furos por estar implícito que, nestes casos, há necessariamente declarações exclusivas.

- Caso dos alegados insultos racistas de Javi a Alan: o jornalista ouve António Salvador, presidente do SC Braga, José Manuel Meirim, especialista em Direito do Desporto e Ricardo Costa, ex-presidente da Comissão Disciplinar da Liga.

- Bosingwa não entra nas contas nem como opção de recurso: o jornalista contacta António Oliveira, ex-selecionador nacional.

- Indefinição no processo a Javi ou Alan: fonte da Liga.

- A ondulação perfeita e o recorde de Garrett McNamara: declarações do próprio, por telefone.

- Nível insustentável de endividamento dos três principais clubes: António Samagaio, professor do ISEG; responsáveis dos principais bancos; Hélder Varandas, especialista em finanças do futebol; Paulo Reis Mourão, professor de Economia na Universidade de Braga; Domingo Soares Oliveira, administrador da SAD do Benfica.

- Fair-play financeiro e as novas regras da UEFA: Paulo Relógio, presidente do Órgão de Gestão de Licenciamento da Federação Portuguesa de Futebol; administradores das SAD's de Benfica, FC Porto e Sporting.

- Antecipação Portugal-Bósnia: Jorge Silvério, psicólogo na área desportiva.

- Sintonia perfeita entre Portugal e CR7: António Oliveira, ex-selecionador nacional; José Augusto, antiga glória do Benfica e da seleção.

- polémica Bosingwa: Octávio Machado; o jornalista tentou também contactar, por telefone, a Federação Portuguesa de Futebol, mas esta disse que não havia “comentários a fazer”.

- Candidatura de Carlos Marta às eleições da FPF: o PÚBLICO teve acesso ao programa eleitoral do candidato antecipadamente (através de email).

- Fundos bons ou maus: Fernando Gomes, presidente da Liga; Álvaro Nascimento, professor da Universidade Católica.

- Estado do hóquei em Portugal: Cristiano Pereira, antiga glória do hóquei nacional; Reinaldo Ventura, jogador do FC Porto; Fernando Castro, autor do livro “Campeonatos do Mundo de Hóquei em Patins”.

- Contestação a Vítor Pereira, treinador do FC Porto: Rui Moreira, presidente da Associação Comercial do Porto e conhecido adepto portista.

- PJ investiga incêndio na Luz: fonte policial; fonte do Benfica; fonte da Liga.
- Jornalista agredido no Estádio do Dragão: fonte da PSP.
- Depressão no desporto: Jorge Silvério, doutorado em Psicologia Desportiva; Duarte Araújo, investigador do Laboratório de Psicologia do Desporto da Faculdade de Motricidade Humana.

Admitindo que, face aos crescentes constrangimentos orçamentais, que limitam de forma severa o número de saídas das redações, a recolha de declarações exclusivas pode ser uma arma privilegiada para fugir ao que é feito pela concorrência, considero manifestamente pouco que este trabalho só tenha sido realizado em 7,2% do total de notícias publicadas ao longo do mês de novembro.

Reportagens

Uma outra forma de o jornal se distinguir da concorrência é através da publicação de reportagens: ao ir ao local e ao retratar o ambiente que lá se vive e o que lá se passa, o jornalista tem a oportunidade de transportar o leitor para o local do acontecimento.

No entanto, a meu ver (e tendo em conta o período analisado), o PÚBLICO peca por apostar cada vez menos neste género jornalístico. Ao longo do mês de novembro, foram apenas publicadas duas reportagens.

- Uma sobre o Grupo Desportivo Fabril (antiga CUF), um clube que já foi dos mais emblemáticos do centro do país e que hoje milita na 3.^a divisão. Neste caso, o jornalista (estagiário) deslocou-se ao estádio Alfredo da Silva, no Barreiro, para acompanhar um jogo com o Farense (outro clube que já militou no escalão principal do futebol português) e falar com antigas glórias do clube, recuperando um pouco da história do emblema. Em causa, o facto de fazer 50 anos que o AC Milan (de Trapattoni e Maldini) foi derrotado naquele mesmo estádio, em jogo a contar para a Taça das Cidades. De referir que esta reportagem resultou de uma proposta de um dos estagiários do jornal (de outra secção que não a do Desporto, tendo sido redigida pelo mesmo).

- A outra reportagem publicada no PÚBLICO ao longo do mês de novembro foi a do Hóquei Clube de Turquel, um clube que mobiliza, como nenhum outro, a população da localidade onde está inserido. Neste caso, eu desloquei-me ao local para acompanhar um jogo do clube e poder retratar ao leitor o ambiente que lá se vive.

Furos

De referir que, durante o mês de novembro, a secção de Desporto do PÚBLICO conseguiu ainda um “furo”, para muitos o expoente máximo do jornalismo.

No caso em questão, o jornalista parte de uma informação pública (os relatórios de contas de FC Porto, Benfica e Sporting) e chega ao chamado furo através da análise de um especialista – António Samagaio. Debruçando-se sobre as finanças dos três principais clubes portugueses, este professor do Instituto Superior de Economia e Gestão conclui que, em conjunto, os três emblemas devem aos bancos 350 milhões de euros, um valor que considera “insustentável”. E, através do contacto com os representantes dos principais bancos nacionais, o jornalista descobre outro facto relevante: face à crescente subida das taxas de juro, as instituições bancárias já estão a fechar as torneiras do crédito e as verbas fornecidas aos clubes não são exceção.

O repórter realça ainda o facto de um estudo divulgado pela Universidade Católica revelar que o endividamento dos clubes portugueses aumentou 500 milhões de euros nos últimos dez anos. Uma chamada de atenção relevante sobretudo face à crise da dívida que se instalou um pouco por toda a Europa e ao despesismo que, ao longo dos últimos anos, se tornou regra nos principais clubes nacionais (muito por culpa de uma tendência que é cada vez mais apanágio do futebol internacional, é certo).

Jorge Miguel Matias, editor de Desporto do PÚBLICO, considera que o furo “foi e sempre será” o objetivo do jornalismo e que o jornal em que trabalha não é exceção. E apresenta dois exemplos de furos, em áreas distintas: “O mais recente no PÚBLICO foi o trabalho do José António Cerejo sobre as ligações entre Miguel Relvas e Passos Coelho. No desporto, a notícia que demos sobre as imagens colocadas nos túneis de acesso aos balneários do estádio José Alvalade foi outra «cacha» do jornal (um caso que será desenvolvido de seguida).

As imagens em Alvalade e o internamento de Eusébio

Além do período analisado, considero que importa aqui abordar dois outros acontecimentos que vieram a público durante o meu período de estágio.

Um deles diz respeito a mais um furo conseguido pelo PÚBLICO: as imagens hostis nos corredores dos balneários de Alvalade, uma notícia divulgado pelo jornal a 6 de janeiro (no meu último dia de estágio), já referida por Jorge Matias.

Neste caso, o facto de as imagens escolhidas pelos dirigentes leoninos conterem fotos de adeptos em poses agressivas, “alguns com símbolos e gestos conotados com a extrema-direita” constituiu o critério noticioso. Além das fotografias divulgadas, o jornalista analisa o seu conteúdo.

“Adeptos das claques em poses agressivas, desafiando os seguranças. Outros de cara tapada e com tochas na mão. Outro numa pose que sugere uma saudação fascista. Outro ainda com uma tatuagem com a cruz de ferro, um símbolo que, não sendo exclusivo do nazismo, está muito associado a movimentos de extrema-direita. Foram estas as imagens que o Sporting colocou, nesta época, no corredor que dá acesso aos balneários da equipa visitante, no Estádio de Alvalade – um caminho que tem de ser percorrido pelos jogadores visitantes para se equiparem e, depois, no caminho de ida e regresso do relvado”.

Na notícia é também explicado que o PÚBLICO teve acesso às fotos tiradas num jogo da época 2011/2012 e pôde depois comprovar a veracidade delas, numa visita turística ao estádio. O jornalista informa ainda que procurou colocar algumas perguntas (“De quem foi a ideia? Toda a direção conhece e concorda com a colocação desta fotos? Porquê o uso destas fotos?”) aos representantes do clube, mas que a única resposta que obteve por parte do diretor de comunicação foi “não há reação nenhuma”. Ainda assim, contacta outras fontes para obter uma reação: Vicente Moura, presidente do Conselho para a Ética e a Segurança no Desporto; Salomé Marivoet, professora de Sociologia na Universidade de Coimbra; José Manuel Meirim e Ricardo Costa, juristas.

Eis um exemplo de um trabalho em que o PÚBLICO demonstrou por que razão é considerado por muitos como o jornal diário de referência do país. Apesar de, na altura, ter sido questionado o *timing* de publicação da notícia (véspera de um embate entre Sporting e FC Porto), a verdade é que o jornalista cumpriu exemplarmente o seu

papel: dar a conhecer ao público informações de especial interesse, rodeando-as de contexto de opiniões relevante para a sua análise.

Outro caso em que pude perceber como funciona um jornal diário foi aquando do internamento de Eusébio. Na altura (encontrava-me na redação), surgiu o rumor de que o antiga glória do Benfica estaria hospitalizada, mas não havia qualquer certeza, daí que, para não correr o risco de avançar com uma informação errada, tenha havido um trabalho, por parte do editor e dos jornalistas, de confirmar a veracidade dos rumores. A confirmação chegaria através de um dos funcionários do jornal (da parte gráfica), que é parente de Eusébio e que pôde aferir aquilo que realmente estava a acontecer.

Como refere Jorge Matias, este procedimento (“tentar, ao máximo e sempre que possível, cruzar a informação que nos chega”) é justamente uma das armas de que o jornalismo se deve servir para contrariar a excessiva dependência dos conteúdos que diariamente é divulgado na Internet.

O site e o papel: como gerir?

Um outro fator que também contribuiu (e continua a contribuir) para alimentar o crescente sedentarismo que se vive nas redações foi a passagem da quase totalidade dos órgãos de comunicação consagrados no papel para plataformas online, que precisam de ser alimentadas de forma constante. Esta realidade é bem visível no jornal PÚBLICO: além de produzirem, diariamente, textos para o papel, os jornalistas são também responsáveis pela introdução de conteúdos no *site* (tanto que, todos os dias, há um jornalista que fica especificamente encarregue deste trabalho). Na gestão de plataforma *online*, normalmente intercala-se a reprodução fiel dos *takes* divulgados pelas agências, com trabalhos reescritos pelo jornalista, sendo que só pontualmente se introduzem na plataforma online alguns dos trabalhos de fundo preparados para o papel (e só depois de o jornal já ter saído, para não originar situações em que as pessoas, tendo acesso ao conteúdo na *Internet*, abdicam de comprar o jornal).

E como é feita a gestão entre o papel e o *site*?

Jorge Matias explica: “Algumas vezes (especialmente quando as notícias são curtas – breves), utilizamos a informação publicada no *online*. De resto, tentamos que as notícias que saem no papel tenham um outro nível de aprofundamento, com mais análise e reflexão, não se limitando à informação rápida e curta que domina a *Internet*, mais ligada ao imediatismo.”

Peso das assessorias de imprensa

O meu estágio no PÚBLICO permitiu-me ainda constatar o impacto de outras tendências do jornalismo contemporâneo neste jornal. Desde logo, a crescente preponderância das assessorias de imprensa e das agências responsáveis por tratar da comunicação de um determinado clube ou atleta.

De facto, verifiquei que, na redação das notícias, os jornalistas frequentemente recorrem a estes instrumentos de trabalho para obterem mais informações. Por exemplo, no caso das imagens hostis nos túneis de acesso aos balneários de Alvalade, o jornalista tentou obter uma reação do clube através do departamento de comunicação. Outro exemplo é o da Federação Portuguesa de Futebol: de cada vez que o PÚBLICO pretende uma reação deste organismo a um determinado assunto, os jornalistas começam por entrar em contacto com as pessoas do departamento de comunicação da Federação. Mas os exemplos não se ficam por aqui. Bem pelo contrário: estendem-se a uma enorme panóplia de instituições, clubes e atletas, que, cada vez mais, se negam a estabelecer uma comunicação direta com os jornais, optando antes por um diálogo mediado por assessores de comunicação.

“Há uns anos era preciso ir aos sítios para recolher dados, agora eles são, muitas vezes, oferecidos (“embrulhados”) por agências de comunicação”, sintetiza Jorge Matias.

Eu própria constatei o peso destes novos agentes da comunicação durante o meu estágio no PÚBLICO, uma vez que duas das poucas saídas da redação que tive foram para marcar presença em eventos promovidos por agências de comunicação: num dos casos, uma apresentação da participação de Armindo Araújo no Dakar; no outro, um cenário idêntico, só que neste caso o protagonista foi Leal dos Santos, também um piloto que estava prestes a partir para a prova.

Em ambos os casos, as assessorias de imprensa dos atletas trataram de revestir o facto de toda uma envolvência que permitisse (obrigasse?) os jornalistas a travar um contacto direto com os pilotos. No caso de Leal dos Santos, foi organizado um almoço entre o piloto e os jornalistas; no caso de Armindo Araújo, foi uma apresentação seguida de um *brunch*. O que há a destacar é que, tanto num caso como noutro, há aqui uma tentativa de promover uma aproximação controlada entre os dois agentes da comunicação (jornalista e protagonista) no sentido de induzir o profissional da informação a veicular informações que estejam de acordo com os interesses da organização. Neste caso, ao conceder espaço para este tipo de “acontecimentos”, os jornais acabam por funcionar quase como meios de publicidade gratuita para os pilotos.

Ainda assim, realce-se que esta ainda não é (para já?) a realidade dominante no jornal PÚBLICO: mesmo nestes casos, em que estive presente nos eventos, o espaço concedido, no jornal, a cada um dos atletas foi diminuto (e no caso do almoço com Leal dos Santos, o editor mandou-me lá quase com o único propósito de conseguir um contacto direto do piloto, para o jornal o poder contactar quando ele estivesse no Dakar).

O contacto direto (na maior parte das vezes por via telefónica) continua, justamente, a ser uma estratégia recorrente no dia-a-dia dos jornalistas do PÚBLICO – ainda que, como já referi, esta prática devesse, na minha opinião, ser ainda mais usual. Mesmo assim, sublinhe-se que, em parte dos casos em que o jornal procura obter determinadas declarações exclusivas para contextualizar ou explicar um dado acontecimento, o jornalista recorre a contactos previamente estabelecidos – caso de António Oliveira, ex-selecionador nacional, quando este pronuncia a propósito da preponderância de Cristiano Ronaldo na seleção, por exemplo. Daí que, independentemente de o jornalismo atual privilegiar cada vez menos o contacto direto com as fontes e se fazer cada vez mais a partir da redação, a carteira de contactos de um jornalista continue a ser extremamente importante. Em grande parte dos casos, esta acaba mesmo por funcionar como elemento diferenciador da concorrência, abrindo as portas a enfoques e perspetivas que fogem à ordem do dia.

Panorama nos jornais desportivos

Mas não se pense que esta tendência é uma característica exclusiva das secções de Desporto dos jornais generalistas. A realidade da sedentarização é bem mais abrangente e não poupa nem os próprios jornais desportivos.

O cenário é admitido pelo coordenador da redação do jornal A BOLA, um dos principais jornais desportivos no país.

“Infelizmente, isso é verdade e temo que seja uma tendência cada vez mais dominante, não só n’A BOLA como nos *media* tradicionais portugueses em geral. O espaço para se apostar no terreno é cada vez menos”, refere Germano Almeida, apontando duas razões para que isto aconteça. “Do ponto de vista financeiro, é atrativo para as administrações e para as direções não gastar dinheiro em mandar jornalistas para o terreno, porque isso tem custos de deslocação e no equilíbrio da própria redação, daí que as escolhas dos enviados especiais tenham de ser cada vez mais cirúrgicas (há cada vez menos viagens ao estrangeiro e cada vez menos saídas da redação); por outro lado, a evolução tecnológica tem permitido um acompanhamento informativo mais à distância e mais rápido – chega a haver até situações um pouco desconfortáveis para os jornalistas no terreno de quem estar na redação saber mais rapidamente das coisas do que quem está no terreno, porque às vezes quem está no terreno não tem acesso à fonte diretamente e quem está na redação tem acesso às redes sociais, à *Lusa*, aos *sites*... e acaba por saber mais diretamente. Isto aconteceu ao longo dos últimos anos, mas o com uso crescente dos *smartphones* esta tendência tem-se vindo a esbater”, sublinha.

Germano Almeida recorda que, quando entrou na profissão, o cenário era totalmente diferente: “Antes, o tempo jornalístico era completamente diferente. Em 1993, quando eu comecei, cada jornalista tinha um determinado tema que era quase estanque. O jornalista tratava esse tema com mais tempo, porque não havia evoluções ao longo do dia... não havia *Internet*. Esta só surgiu com força informativa, digamos, oito ou dez anos depois e só havia duas televisões, por isso o tempo jornalístico era mais lento, havia mais tempo de falar mais com pessoas. Claramente, a minha geração teve mais tempo de conhecer as fontes do que o que estas novas gerações vão ter. Entretanto, os clubes também se foram fechando... Tudo mudou nesse aspeto.”

Dáí que, mesmo ressaltando que, neste cenário, a função do jornalista continua a ser fundamental, Germano Almeida levante algumas dúvidas quanto ao papel que o jornalismo assumirá neste novo universo de comunicação. “Há menos possibilidade de se fazer investigação, menos tempo e menos vontade das direções e das administrações para se gastar dinheiro com isso. Olha-se mais para o imediato... Hoje a hora de fecho é permanente, ou seja, se o jornalista tem uma coisa tem que a dar no *online* e depois trata-a melhor no papel. No meio disto tudo, o papel do jornalista continua a ser importante não só como veículo de informação mas também de interpretação... do jornalismo tenho as minhas dúvidas porque o jornalismo hoje está preso a várias coisas: às limitações económicas, aos poderes das administrações, ao poder dos clubes (no caso do futebol), dos partidos políticos (no caso da política), numa sociedade que está também ela cada vez mais dependente desses poderes”, frisa o jornalista d’A BOLA.

Conclusão

“O que se passa com os media, sendo brutal, não é novo, nem inesperado. Os jornalistas têm de pensar nos seus media como empresas, encontrar nichos de mercado para o que produzem e ter uma visão realista em termos de media, empresa e mercado.”

A afirmação, feita por José Manuel Barroso, jornalista a ex-presidente do conselho de administração da Lusa na conferência “Jornalismo em tempos de crise”, na Casa da Imprensa, em Lisboa, é sintomática do ponto a que as coisas chegaram na profissão que, em tempos, andou de braço dado com o rótulo de quarto poder.

Face à turbulência económica que afeta, sem exceção, todos os setores, o jornalismo (e os jornais em particular) é cada vez mais uma área em crise, que dá mostras de sucumbir a cada dia que passa. Prova disso os casos que têm sido amplamente divulgados nos últimos tempos: despedimentos coletivos no PÚBLICO e na Lusa, sucessivas greves que não têm qualquer efeito prático, fecho em catadupa dos jornais locais, abafados pela falta de meios e de apoios, compra de grandes grupos de media portugueses por grupos angolanos (caso da Controlinveste, detentora, entre outros, do JN, do DN, do JOGO e da TSF).

Neste cenário, é praticamente impossível que as dificuldades económicas (e os consequentes constrangimentos orçamentais) não se façam sentir no dia-a-dia de quem faz do jornalismo uma profissão e uma missão. A minha experiência na secção de Desporto do jornal PÚBLICO provou-me isso mesmo.

Em suma, na análise que efetuei na segunda parte deste trabalho (alicerçada nos conceitos teóricos que explanei na primeira parte e na minha experiência pessoal, no contexto da redação deste jornal), cheguei às seguintes conclusões:

- Ao contrário do que acontecia anteriormente, em que o grosso dos trabalhos produzidos pelo jornal (inclusivamente na secção desportiva) implicava sair da redação e contactar diretamente com as fontes, hoje em dia a tendência é cada vez mais para os textos serem escritos no interior da redação. E, assinala Jorge Miguel Matias, o mais provável é que as coisas sejam cada vez mais assim.

- Olhando para as poucas saídas da redação, percebemos que o futebol (e os chamados três grandes em particular) continua a dominar o dia-a-dia da secção, uma vez que quase um terço das saídas se destinam a cobrir jogos de futebol de Benfica, FC Porto e Sporting. Isto quando se tratam de jogos no território nacional: quando estão em causa jogos das competições europeias, que decorrem no estrangeiro, a ida ou não do jornalista ao estádio está dependente do orçamento disponibilizado pela administração, sendo que a regra é não se ir.

- Os constrangimentos orçamentais, a diminuição do número de pessoas nas redações e o crescente volume de informação disponibilizado (tanto na Internet como pelas assessorias de imprensa e agências de comunicação) estão entre as principais causas para a progressiva sedentarização do jornalismo.

- A informação divulgada pelas agências de notícias (não só a *Lusa*, mas também as agências internacionais como a *Reuters*, a *France Press* e a *Associated Press*) acaba por dominar os conteúdos produzidos pelo jornal, ainda que, na maior parte das vezes, haja um esforço, por parte do jornalista, de contactar outras fontes ou enveredar por outra perspetiva.

- Como consequência desta dependência das agências (pelo menos em parte), há uma progressiva perda de diversidade informativa, sendo cada vez maior o risco de estarmos a receber como neutra informação que é cada vez mais “formatada” por pessoas e instituições que têm interesse em divulgar/esconder determinados dados/situações.

- Para tentar contrariar esta tendência, o PÚBLICO serve-se de vários “estratagemas”: procura de temas e abordagens diferenciadores/as, cruzamento da informação que chega através dos mais diversos meios, contacto com as fontes para obter declarações exclusivas, reportagens e, claro, a procura de furos, que continuam a constituir o “*el dorado*” de todos os jornalistas e órgãos de comunicação.

- A existência do *site* do PÚBLICO obriga a que, dentro da secção desportiva, haja, todos os dias, uma pessoa que se dedica em exclusivo a esta plataforma. Implica ainda que haja uma gestão cuidadosa entre os conteúdos divulgados em ambos os meios: normalmente no *site* opta-se por informação mais rápida e sintetizada, ao passo que no papel as histórias são mais aprofundadas e com maior liberdade criativa.

- O papel dos assessores de imprensa e das agências de comunicação assume cada vez mais importância no dia-a-dia do jornal, uma vez que muita da informação que os jornalistas necessitam provém deles/delas ou pelo menos passa por eles/elas (sobretudo no caso das reações a um dado acontecimento). Ainda assim, ao longo da minha experiência enquanto estagiária, o jornal revelou-se relativamente impermeável às “manobras” das agências – eventos com atletas anteceditos ou seguidos de almoços/*brunches*, que têm como objetivo conseguir visibilidade para os atletas que representam.

- Ainda que se possa refletir de forma mais evidente numa secção específica de um jornal generalista (como é o caso da secção desportiva do jornal PÚBLICO), o cenário de um jornalismo cada vez mais feito no interior das redações é uma realidade transversal, que se verifica também ao nível dos próprios jornais diários desportivos.

A solução, essa, será difícil de encontrar mas a questão formulada por Ignacio Ramonet poderá indicar o caminho a seguir:

Perante todas as transformações tecnológicas com que somos confrontados, devemos colocar a nós próprios a seguinte questão: o jornalismo é a solução de que problemas actuais? Se nós encontrarmos a resposta, então o jornalismo não desaparecerá nunca. (Ramonet, 1998: 76)

Referências bibliográficas

- AAMIDOR, A. et.al. (2003). *Real Sports Reporting*. Indiana University Press.
- BASTOS, Hélder (2005). *Ciberjornalismo: dos primórdios ao impasse*.
Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-ciberjornalismo-dosprimordios-ao-impasse.pdf>
- BELL, E. (2005). 'End of the offline?', *British Journalism Review*, 16(1): 41-5.
- BERNSTEIN, A. e BLAIN, N. (2002). *Sport, Media and Culture: Global and Local Dimensions*. London: Routledge
- BLAIN, N., BOYLE, R. e O'DONNELL, H. (1993). *Sport and National Identity in the European Media*. Leicester: Leicester University Press.
- BORDIEU, Pierre (1994). "L'emprise du journalisme". *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 101-102: 3-9.
- BORDIEU, Pierre (1996). *Sur La Télévision, Suivi de l'Emprise du Journalism*. Paris: Liber, 8ª ed.
- BOYLE, Raymond (2006). *Sports Journalism: context and issues*. SAGE Publications
- CANAVILHAS, João (2001). *Webjornalismo. Considerações gerais sobre jornalismo na web*.
Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>
- CANAVILHAS, João (2004). *Os Jornalistas Portugueses e a Internet*. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistasportugueses-internet.pdf>
- CÉBRIAN, Juan Luis. *El País*, 20 de Fevereiro de 1998
- CHAMPAGNE, Patrick (1998), *La Censure Journalistique*, Les Inrockuptibles
- CORRÊA, Vivian (2009). *Do Impresso ao Digital: Atualizações dos Meios de Comunicação e Implicações Culturais*. Disponível em:
<http://200.144.190.194/celacc/ojs/index.php/blacc/article/viewFile/218/242>
- DAYAN, D. e KATZ, E. (1992). *Media events – the live broadcasting of history*. Cambridge: Harvard University Press.

- DEUZE, Mark (1999). *Journalism and the Web: An Analysis of Skills and Standards in an online Environment*, Gazette, 61(5): 373-90.
- FONTCUBERTA, Mar de (1999). A Notícia. Editora Notícias. Coleção Media e Sociedade
- GANS, Herbert J. (1979) *Deciding what's news – a study of CBS Evening News, NBC Nightly News, Newsweek and Time*. Nova Iorque: Random House.
- HALIMI, Serge (1995). *Un journalisme de révérence*.
- HALL, S., CRITCHER, C., JEFFERSON, T., CLARK e J., ROBERTS (1978). *Policing the crisis – mugging, the state, and law and order*. Nova Iorque: Holmes & Meier Publishers, Inc.
- HARCUP, T. (2004). *Journalism: Principles and Practice*. London: Sage
- HARGREAVES, I. (2003). *Journalism: Truth or Dare?* Oxford: Oxford University Press
- HENN, Ronaldo (2011), *Jornalismo em rede: crise do acontecimento*. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/154.pdf>
- HESS, Stephen (1984). *The government/press connection – press officers and their offices*. Washington: The Brookings Institution.
- HUMPHRIES, T. (2003). *Laptop Dancing and the Nanny Goat Mambo: A Sportswriter's Year*. Dublin: Pocket Books Townhouse
- KAWAMOTO, Kevin (Ed.). (2003). *Digital Journalism: Emerging Media and Changing Horizons of Journalism*. Lanham. MD: Rowman & Littlefield.
- KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. (1999). *Warp Speed: America in the Age of Mixed Media*. Century Foundation Press
- KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. (2004). *The Elements of Journalism: What Newspeople Should Know and the Public Should Expect*. Guardian Books
- KOVACH, B. e ROSENSTIEL, T. (2010), *Blur. How to know what's true in the age of information overload*. Nova Iorque. Bloomsbury USA.
- KRAMER, Larry (2011). “Navigating the future”, artigo publicado no *American Journalism Review*. Disponível em: <http://www.ajr.org/article.asp?id=4961>

- KOPPETT, L. (2003). *The Rise and Fall of the Press Box*. Toronto, Sport Media.
- KUNCSIK, Michael (1997). *Conceitos do Jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp.
- LINDSEY, J. M. (2010). ‘Making masculinity and framing femininity: FIFA, Soccer and World Cup websites’ in Hundley, L.H. e Billings Andrew C. (Orgs.) *Examining Identity in Sports Media*, London: Sage, págs. 65-68
- LIPPMANN, Walter (1965). *Public Opinion*. Nova Iorque: The Free Press
- LOWES, M. (2004). *Inside the Sports Pages: Work Routines, Professional Ideologies and the Manufacture of Sports News*, University of Toronto Press
- MANCINI, Paolo (1993). “Between trust and suspicion: how political journalists solve the dilemma”. *European Journal of Communication*, 8: 33-51.
- MARCONDES FILHO, Ciro (2000). *Comunicação & Jornalismo: a saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker.
- MOLOTCH, H. e LESTER, M. (1974). “News as purposive behavior: on the strategic use of routine events, accidents and scandals”. *American Sociological Review*, 39 (1): 118-137
- MOUILLAUD, Maurice (1997). *O Sistema de Citações*. In: MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15. Pp.119-144
- NEVEU, Erik (2001). *Sociologie du Journalisme*. Paris : La Découverte.
- NOBRE-CORREIA, J.-M. (1996). *A cidade dos media*. Porto: Campo das Letras
- NOVAIS, R. A. (2010). *A Representação do Futebol na Imprensa*. Coleção *Media, Política e Sociedade – Media XXI*
- ORTEGA, Felix, HUMANES, Maria Luísa (2000). *Algo Más que Periodistas: sociologia de una profesión*. Barcelona: Ariel.
- PAVLIK, John (2001). *Journalism and New Media*. New York: Columbia University Press.
- PEREIRA, Fábio Henrique (2004). *O “Jornalista Sentado” e a Produção da Notícia on-line no CorreioWeb*. Em *Questão*, Porto Alegre, v.10, n.1, p. 95-108, jan/jun 2004

PINTO, A. Pedro Lopes (2009). *Imprensa Desportiva – Ética, fontes e lógica empresarial*. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas

Público. Livro de Estilo, Público, Comunicação Social, SA, Lisboa 1998.

QUADROS, Claudia e QUADROS, Itanel (2011). *Produtos jornalísticos como estratégias para atrair o público*. Disponível em:
<http://confibercom.org/anais2011/pdf/72.pdf>

RAMONET, Ignacio, 1998. *La Tirania de la Comunicación*. Editorial Debate, Madrid

ROWE, D. (2005). ‘Fourth estate or fan club? Sports journalism engages the popular’, in S. Allan (org.) *Journalism: Critical Issues*, mainhead: Open University press: 125-136

ROWE, D. (2007). ‘Sports and Culture’, in Ritzer, G. (Org.), *The Blackwell Encyclopedia of Sociology*, Oxford: Basil Blackwell

RUDIN, R. and Ibbotson, M. (2002). *An Introduction to Journalism*. London: Focal Press

SANTOS, R. (1997). *A negociação entre jornalistas e fontes*. Coleção Comunicação: MinervaCoimbra

SCHLESINGER, Philip (1977). “Newsmen and their time machine”. *The British Journal of Sociology*, 28 (3): 336-350.

SHAW, David. *Marianne*, 6 de Julho de 1998

SIGAL, Leon V. (1973). *Reporters and officials – the organization and politics of newsmaking*. Lexington: D.C. Heath and Company.

SOBRAL, Luís e MAGALHÃES, Pedro (1999): *Introdução ao Jornalismo Desportivo*. Lisboa: CENJOR

STEPHENS, Mitchell (1988). *History of News: From the Drum to the Satellite*. Nova Iorque: Viking Press

STOFER, K. T., SCHAFFER, J.R. e ROSENTHAL, B.A. (2010), *Sports Journalism: an introduction to reporting and writing*. Rowman & Littlefield Publishers.

THAKUR, K.C. (2010). *Sports Journalism*. Cyber Tech Publications

THOMPSON, John B. (1995). *The media and modernity*. Cambridge: Polity and Press.

TRAQUINA, Nelson (2000). *O Poder do Jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra: Minerva. P. 13-43.

TRAQUINA, Nelson (2002). *O que é o jornalismo?* Quimera

TUCHMAN, Gaye (1978). *Making news - a study in the construction of reality*. Nova Iorque: The Free Press.

VILLAFANÉ, J., BUSTAMANTE, E. e PRADO, E., (1987). *Fabricar noticias – las rutinas productivas en radio y televisión*. Barcelona: Ed. Mitre.

WILLIAMS, R. (2003) *The View from the High Board: Writings on Sport*. London: Aurum Press

WOLF, Mauro (1995). *Teorias da Comunicação*, Presença, Lisboa

The Economist, Londres, 4 de Julho

DIA	PÁGINAS ¹	PÁGS. DESP ²	NOTÍCIAS ³	REDAÇÃO ⁴	FORA ⁵	DECS. EXC. ⁶	DIFERENTES ⁷	REPORTAGENS	FUROS
01/11	35	4	8	6	2	-	2	-	-
02/11	31	4	8	7	1	-	1	-	-
03/11	29	3	5	4	1	-	1	-	-
04/11	43	4	8	7	1	1	1	-	-
05/11	43	4	10	9	1	-	2	-	-
06/11	55	6	10	9	1	-	2	-	-
07/11	31	5	12	10	2	-	1	-	-
08/11	31	4	7	7	-	2	2	-	-
09/11	39	3	8	8	-	1	2	-	-
10/11	39	3	8	8	-	1	2	-	-
11/11	43	4	9	9	-	-	-	-	-
12/11	39	4	8	8	-	-	-	-	-
13/11	55	5	10	9	1	2	1	-	1
14/11	31	4	9	8	1	1	-	1	-
15/11	39	3	9	9	-	-	1	-	-
16/11	43	5	8	7	1	-	-	-	-
17/11	39	4	8	6	2	3	3	-	-
18/11	43	4	6	4	2	1	1	-	-
19/11	43	4	9	5	4	-	1	-	-
20/11	55	6	10	7	3	1	2	1	-
21/11	31	4	7	6	1	-	-	-	-
22/11	39	3	8	7	1	2	-	-	-
23/11	43	4	9	9	-	-	-	-	-
24/11	39	3	8	8	-	-	-	-	-
25/11	47	4	9	9	-	-	1	-	-
26/11	43	4	10	10	-	-	1	-	-
27/11	55	6	7	6	1	-	1	-	-
28/11	39	5	12	11	1	1	1	-	-
29/11	39	4	5	4	1	1	1	-	-
30/11	39	3	5	5	-	1	2	-	-
TOTAL	-	-	250	222	28	18	32	2	1

¹ Número de páginas do jornal.

² Número de páginas da secção Desporto.

³ Número de notícias na secção Desporto.

⁴ Número de notícias redigidas em sair da redação.

⁵ Número de notícias cuja redação implicou saída da redação.

⁶ Número de notícias que integram opiniões/afirmações contactadas diretamente pelo PÚBLICO.

⁷ Número de notícias em que o jornal se tenta diferenciar da concorrência, seja através da escolha de outros temas, seja através de outras perspetivas de um mesmo tema.

Entrevista a Jorge Matias, editor do jornal PÚBLICO (em Lisboa)

Com o passar dos anos tem vindo, de facto, a notar esta tendência de um jornalismo que se faz cada vez mais dentro das redações e que privilegia cada vez menos o contacto direto com as fontes?

Sim.

Tem noção, por exemplo, de quantas vezes é que os jornalistas saem da redação ao longo de uma semana? Ou da percentagem de notícias que são feitas sem se sair da redação? (ou pelo menos se esta percentagem diminuiu/aumentou drasticamente relativamente ao que acontecia anteriormente)

A percentagem aumentou drasticamente. Há muitos dias da semana em que as notícias são feitas sem que o jornalista saia da redação.

Quais é que acha que são as causas desta tendência? O surgimento do site contribuiu? E a diminuição dos orçamentos impele cada vez mais para isso?

Constrangimentos orçamentais, que limitam as saídas, diminuição do número de pessoas nas redações, crescente volume de informação. Há uns anos era preciso ir aos sítios para recolher dados, agora eles são, muitas vezes, oferecidos (“embrulhados”) por agências de comunicação.

E que consequências é que isto pode trazer? Acha que o jornalista continua a desempenhar um papel importante em todo este processo?

Acima de tudo, perda de diversidade informativa. Para além disso, maior risco de a informação ser “formatada” por parte de quem a oferece aos jornalistas.

Como é que as coisas se passavam antes, quando entrou na profissão?

Era muito mais frequente a deslocação aos locais onde os acontecimentos decorriam. Uma vez que não havia internet, o acesso à informação tinha que ser feito, muito mais vezes, in loco.

Acha que a lógica natural do jornalismo é cada vez mais esta ou que, pelo contrário, as coisas tendem a inverter-se?

Pessoalmente, creio que a crescente dificuldade financeira que afeta os órgãos de comunicação social vai apenas agravar a situação.

E de que armas é que o Público se serve para tentar contrariar a tendência de uma progressiva sedentarização?

Tentar, ao máximo, e sempre que possível, cruzar a informação que nos chega.

Mas encara a Internet mais como uma coisa benéfica, como um instrumento de trabalho indispensável, ou como um recurso que veio desvirtuar em parte aquele que durante muito tempo foi o cerne do trabalho jornalístico?

Encaro como algo benéfico, porque nos alarga os horizontes e o acesso à informação (funcionando, também por isso, como instrumento de trabalho). O que desvirtua o trabalho do jornalismo, na minha opinião, não foi o surgimento da internet, foram os constrangimentos financeiros que afectam as empresas de comunicação social.

Como é que é feita a gestão de conteúdos (no caso do Desporto) entre o site e o papel? Como é que fazem para dar as notícias o mais rápido possível mas, ao mesmo tempo, não repetir no papel o que já foi dito no site?

Algumas vezes (especialmente quando as notícias são curtas – breves) utilizamos a informação publicada no online. De resto, tentamos que as notícias que saem no papel tenham um outro nível de aprofundamento, com mais análise e reflexão, não se limitando à informação rápida e curta que domina a internet, mais ligada ao imediatismo.

A assessoria tem vindo a ganhar terreno em quase todas as áreas do jornalismo. Acha que no desportivo isso também se verifica? Sente isso no dia-a-dia enquanto editor de Desporto do Público?

Sim

Um dos autores que eu li e citei na revisão de literatura defende que a “imprensa está cada vez mais concentrada em encontrar o “grande furo” que temporariamente reunirá as grandes audiências”. Concorda? Acha que o Público ainda tenta fazer esse trabalho? Exemplos.

Sim. Não penso que a imprensa esteja cada vez mais concentrada em encontrar o furo. Esse foi sempre e será sempre o seu objetivo. Claro que o PÚBLICO tenta ir à procura da “caxa” como se costuma dizer. Exemplos. O mais recente no Público foi o trabalho do José António Cerejo sobre as ligações entre Miguel Relvas e Passos Coelho e que foi a manchete do jornal na terça-feira. No desporto, a notícia que demos sobre as

imagens colocadas nos túneis de acesso aos balneários do estádio José Alvalade foi outra “caixa” do jornal.

Entrevista a Germano Almeida, coordenador do jornal desportivo A BOLA

Sente que, de facto, o jornalismo se faz cada vez mais dentro da redação e que privilegia cada vez menos o contacto direto com as fontes?

Infelizmente, isso é verdade e temo que seja uma tendência cada vez mais dominante, não só n'A BOLA como nos *media* tradicionais portugueses em geral. O espaço para se apostar no terreno é cada vez menos, por duas razões: do ponto de vista financeiro, é atrativo para as administrações e para as direções não gastar dinheiro em mandar jornalistas para o terreno, porque isso tem custos de deslocação e no equilíbrio da própria redação, daí que as escolhas dos enviados especiais tenham de ser cada vez mais cirúrgicas (há cada vez menos viagens ao estrangeiro e cada vez menos saídas da redação); por outro lado, a evolução tecnológica tem permitido um acompanhamento informativo mais à distância e mais rápido – chega a haver até situações um pouco desconfortáveis para os jornalistas no terreno de quem estar na redação saber mais rapidamente das coisas do que quem está no terreno, porque às vezes quem está no terreno não tem acesso à fonte diretamente e quem está na redação tem acesso às redes sociais, à Lusa, aos *sites*... e acaba por saber mais diretamente. Isto aconteceu ao longo dos últimos anos, mas o com uso crescente dos *smartphones* esta tendência tem-se vindo a esbater.

Quando começou no jornalismo [há 19 anos, em 1993], como é que as coisas se passavam em termos de saídas da redação e do contacto com as fontes?

Eu diria que não estamos a falar de uma grande diferença, estamos a falar de outro planeta. Era outro planeta, era outro mundo, era outra vida, era outro tempo. Quando eu comecei, o jornal A BOLA não era diário, saía quatro vezes por semana, não havia *Internet*, o jornal tinha um formato *broadsheet*... Não havia a necessidade de ir aos treinos todos os dias, isso foi uma mudança que surgiu quando o jornal passou a diário, em 1995. Antes só se ia aos clubes com um trabalho em específico, com uma conferência, com um treino em específico...

Algo que está a voltar a acontecer, correto?

Sim, agora está a voltar a ser outra vez assim, mas por outra razão: há mais coisas para fazer mas menos meios, então é preciso fazer opções. Antes, o tempo jornalístico era completamente diferente. Em 1993, quando eu comecei, cada jornalista tinha um determinado tema que não evoluía ao longo do dia. O jornalista tratava esse

tema com mais tempo, porque não havia evoluções ao longo do dia... não havia *Internet*. Esta só surgiu com força informativa, digamos, oito ou dez anos depois e só havia duas televisões, por isso o tempo jornalístico era mais lento, havia mais tempo de falar mais com pessoas. Claramente, a minha geração teve mais tempo de conhecer as fontes do que o que estas novas gerações vão ter. Entretanto, os clubes também se foram fechando... Tudo mudou nesse aspeto. Antes cada jornalista tinha um tema e tinha mais liberdade para, ao longo do dia, ir gerindo esse tema. Hoje, um jornalista terá que fazer tanto o FC Porto, como o Rio Ave, como o Beira-Mar, como a 2.^a Liga, como eventualmente outras modalidades. Não é possível tanta especialização. Um jornalista hoje tem de estar mais preparado a todo o momento para responder a tudo e portanto sabe um pouco de tudo e um pouco de nada.

E que consequências é que acha que este novo paradigma acaba por ter no papel do jornalismo enquanto quarto poder e nas funções do próprio jornalista?

Acho que estamos numa fase muito difícil nesse aspeto. Começa a haver até algumas dúvidas sobre se o jornalismo vai sobreviver a isto. É uma contradição: estamos numa sociedade da informação, em que esta está cada vez mais acessível a todos, as pessoas devoram-na, estão dependentes dela (nas televisões, nos jornais, na Internet, nos *smartphones*)... no entanto, a força dos jornalistas vai-se perdendo nisso. Como está espartilhada e dispersa, qualquer pessoa pode ser produtora de informação. Quando eu comecei, isso era praticamente impossível. Na altura, o jornalista fazia quase lei porque tinha um enorme privilégio que era poder veicular a informação. Hoje o cidadão pode fazê-lo... Através do *Facebook*, ou então manda fotos para uma televisão e a televisão passa essas fotos porque a televisão até incita os espectadores a fazer isso, porque assim poupa e não envia meios. Cada vez se vê uma maior gestão de custos: se há um incêndio ou um acidente aqui perto ainda se vai, mas se for em Freixo de Espada à Cinta, já é longe, pensa-se duas vezes. Este tipo de questões diminui o espaço para o jornalista. Há menos possibilidade de se fazer investigação, menos tempo e menos vontade das direções e das administrações para se gastar dinheiro com isso. Olha-se mais para o imediato... Hoje a hora de fecho é permanente, ou seja, se o jornalista tem uma coisa tem que a dar no *online* e depois trata-a melhor no papel. No meio disto tudo, o papel do jornalista continua a ser importante não só como veículo de informação mas também de interpretação... do jornalismo tenho as minhas dúvidas porque o jornalismo hoje está preso a várias coisas: às limitações económicas, aos poderes das

administrações, ao poder dos clubes (no caso do futebol), dos partidos políticos (no caso da política), numa sociedade que está também ela cada vez mais dependente desses poderes.

Mas encara mais a Internet como um recurso que veio ajudar no trabalho jornalístico ou que veio distorcê-lo?

Acho que a *Internet* foi uma bomba tecnológica, fez explodir os conceitos e os paradigmas anteriores. As pessoas há cerca de dez anos não se aperceberam do que estava a acontecer mas a *Internet* mudou tudo. Mudou os tempos de resposta, mudou o acesso às coisas, foi uma explosão de conhecimento mas também de riscos e oportunidades. Tem grandes vantagens e grandes riscos. No caso do jornalismo, é um meio absolutamente extraordinário para veicular a informação, poderosíssimo, mas que de facto fez estilhaçar o paradigma dominante. E portanto hoje o papel está claramente em risco. É um meio caro, que exige um determinado tempo de produção, com vários intermediários e relativamente demorado no processo noticioso. A *Internet* queima todas essas etapas, é mais barata, é mais imediata e, desse ponto de vista, está a trazer grandes problemas ao negócio jornalístico. Agora, é indiscutível que, do ponto de vista do acesso ao conhecimento, a *Internet* é absolutamente extraordinária, por isso acho que tem mais vantagens do que desvantagens. Transmite é um desafio para o próprio negócio.

É inegável que as assessorias têm vindo a ganhar terreno face ao jornalismo... Acha que no jornalismo desportivo isso também se nota ou não tanto como noutras áreas?

Completamente... Eu estou numa situação privilegiada para falar sobre isso porque precisamente há dois anos optei por uma via que nunca pensei [foi assessor da Liga Portuguesa de Futebol]. Num mundo de resposta imediata e de exigência cada vez maior para os protagonistas, seja políticos seja desportivos, é fundamental a assessoria. Um bom político, um bom dirigente desportivo, não dispensa, hoje em dia, um consultor de comunicação. Mas eles apenas ajudam, apenas dão conselhos (conselhos que, às vezes, podem falhar), mas quem decide o que diz são os dirigentes e não os consultores de comunicação. Por outro lado, tem também a ver com as regras que se estabelecem entre os clubes e os jornalistas. Os clubes, que muitas vezes se queixam dos jornalistas, sabem cada vez mais que precisam dos jornais como veículo de informação. É que apesar de terem os seus *sites* oficiais, estão muito limitados em

termos de acesso. Apesar de tudo, a forma preferencial de veicular informação massificada continua a ser através dos meios tradicionais (as televisões, os jornais... e os próprios *sites* noticiosos dos principais órgãos de comunicação). Ainda assim, os clubes (e os principais dirigentes e jogadores) não dispensam os assessores, embora, na maior parte das vezes, estes ajudem mais na disponibilização da informação – como é que é o treino amanhã, por exemplo – e a ajudar a alguns dirigentes de serem poupados do contacto direto com os jornalistas no dia-a-dia. No entanto, curiosamente, eles [dirigentes] continuam a não dispensá-lo [ao contacto com os jornalistas] noutro tipo de questões. Desde que as regras sejam claras, as assessorias podem ser benéficas para as duas partes. O que acontece é que os jornais desportivos cada vez têm menos espaço para fazer as suas próprias coisas de uma forma independente e original devido a isso. Tende-se a uma certa normalização com aquilo que o *site* oficial transmite e com aquilo que os clubes permitem fazer, porque os treinos são à porta fechada e as conferências são uma vez por semana e iguais para todos. Isso garante a informação geral, indispensável, mas depois os jornalistas têm de travar, na minha opinião, uma luta diária pela diferenciação.

Um dos autores que li para este trabalho defende que “a imprensa está cada vez mais preocupada em encontrar o grande furo que temporariamente reúna as grandes audiências”. Concorda?

Concordo que é cada vez mais difícil fazê-lo. Mas, por isso, é que há os bons jornalistas (que ainda os há, há menos mas há) – sinto que há vinte anos era mais fácil identificar grandes referências no jornalismo do que o que é hoje, o que tem a ver com a tal normalização. Há uma discrepância entre a perceção de que as coisas estão pior e a realidade que é, na minha opinião: estão melhor. O problema é que há coisas melhores e coisas piores. Como há muito mais coisas, as piores vão diluindo as melhores. Hoje os jornalistas têm acesso a mais informação do que o que tinham há 20 anos, e mais diferenciada. Há jornalistas muito bem formados e muito bem preparado, o problema é que têm condições de vida e de trabalho piores do que o que tinham os seus pares há 20 anos. É cada vez mais difícil chegar a esse furo (por causa da normalização), mas, também por isso, esses furos são cada vez mais valorizados. Os jornais diários tenderão, na minha opinião, a ter uma perspetiva de semanário, porque a notícia já foi dada ao longo do dia e portanto, ou os grandes jornais continuam a ter jornalistas capazes de furar, ou então fica muito difícil. Mas ainda os há... Agora, com as transformações que

o negócio do jornalismo tem vindo a sofrer, temo que haja cada vez menos espaço para isso.

Desporto Modalidades

Ginástica acrobática

Faltam apoios, mas Sofia e Gonçalo já garantiram um lugar na história

Ana Tulha

O título europeu conquistado na Bulgária foi “uma surpresa” para a jovem dupla portuguesa

● Pela primeira vez, uma dupla portuguesa regressou a casa com o galardão mais alto da ginástica acrobática europeia. Na Bulgária, onde se sagraram campeões europeus em *all-round*, Sofia Rolão (15 anos) e Gonçalo Roque (23) conseguiram também uma medalha de bronze na prova de equilíbrio e um quarto lugar no exercício dinâmico. Um resultado que entra para a história da modalidade a nível nacional e que apanhou de surpresa os atletas do Ginásio Clube Português.

“Não íamos à espera de ganhar, achávamos que tínhamos possibilidade de ser medalhados, mas não de trazer a medalha de ouro. Foi uma surpresa”, diz Sofia, que não esconde o orgulho pelo triunfo alcançado. “É muito gratificante, representa o reconhecimento do nosso trabalho”, salienta. De acordo com Gonçalo Roque, a vitória serviu também para dar algum mediatismo a uma modalidade pouco valorizada. “É bom sentir que durante cinco minutos há outra modalidade a ter espaço nas notícias que não o futebol”, refere.

As 24 horas de treinos semanais ajudam a explicar o triunfo da dupla portuguesa, mas estão longe de ser o único ingrediente desta receita de sucesso. “É preciso muito treino, muita dedicação. Obriga-nos a abdicar de muita coisa e por isso temos mesmo que gostar muito”, explica o ginasta natural de Samora Correia. No entanto, Gonçalo acredita que a sorte também teve uma palavra a dizer neste resultado. “Às vezes basta um de nós escorregar para a prova não correr bem. Não foi o caso”, recorda.

Sofia entrou para a ginástica há nove anos, Gonçalo há dez. Juntos treinam há apenas dois, mas quem os vê interagir diria que já lá vão muitos mais. “Nós percebemos a colocação um do outro até de olhos fechados”, explicam. Daí que, salientam, seja tão importante treinarem quatro horas por dia (domingo é dia de descanso). “A confiança ganha-se a treinar e a estarmos juntos”, esclarecem.

Treinos à parte, os dois atletas vêm-se obrigados a acrobacias diárias para conseguirem conciliar a ginástica com os estudos e o trabalho. “Agora, por causa do estágio e do campeonato, por exemplo, tive que faltar duas semanas às aulas, mas estou a tentar recuperar”, conta a mais nova. Sofia diz que se habituou desde cedo a ter que demonstrar mais maturidade do que as outras adolescentes da mesma idade. “Sempre tive muito menos tempo para



Sofia Rolão e Gonçalo Roque treinam-se no Ginásio Clube Português

fazer tudo aquilo que os meus colegas fazem. Isso obrigou-me a evoluir muito rapidamente”, acrescenta.

E se Gonçalo conseguiu já concluir a licenciatura em Ciências do Desporto, nem por isso tem a tarefa mais facilitada. *Personal trainer* em dois ginásios, afirma que só consegue gerir esta “vida dupla” com a compreensão dos patrões. “Quando me contrataram, já foi nessas condições, já sabiam que era

atleta de alta competição”, explica.

O feito dos dois jovens ginastas torna-se ainda mais relevante se se tiver em consideração que foi obtido sem a atribuição de qualquer subsídio. “Até agora, na ginástica acrobática, a federação responsabilizava-se apenas pelos custos inerentes aos estágios e às competições”, explica Fernando Saldanha, um dos responsáveis da Federação de Ginástica de Portugal. Com a vitória dos dois atletas na Bulgária, a situação está prestes a mudar: pela primeira vez, vão ambos receber um apoio mensal. Ainda assim, os dois atletas falam numa quantia meramente simbólica: cerca de 200 euros por mês. Uma situação bem diferente da que ocorre noutros países da Europa. “Os ginastas franceses, só por serem seniores e representarem a selecção, têm automaticamente direito a um subsídio”, sublinha Sofia.

No entanto, a escassez de apoios não trava as pretensões dos mais recentes campeões europeus. Sofia Rolão e Gonçalo Roque estão em Itália a disputar a última etapa da Taça do Mundo de ginástica acrobática, prova na qual esperam segurar o actual terceiro lugar para arrecadarem mais uma medalha.

“É bom sentir que, durante cinco minutos, há outra modalidade a ter espaço nas notícias que não o futebol

Gonçalo Roque

Basquetebol

Benfica, Porto e Lusitânia mantêm invencibilidade

● Apesar de ter estado a perder por 19 pontos ao intervalo, o Lusitânia conseguiu manter-se invicto na Liga de Basquetebol, estatuto que continua a partilhar com Benfica e FC Porto. No duelo da ilha Terceira, o Terceira Basket entrou melhor, mas o Lusitânia, graças a um parcial de 33-13 no terceiro período, conseguiu dar a volta ao jogo e somou a terceira vitória em três jogos.

Mohamed Camara, com 20 pontos, nove ressaltos, quatro assistências e quatro roubos de bola, foi um dos protagonistas da reviravolta, tal como Brian Mills (20), Augusto Sobrinho (16) e Ricky Franklin (16). No Terceira, destacaram-se os 23 pontos de Na-

than Bowie e o duplo duplo de Jonas Pierre (15 pontos, 15 ressaltos).

Das equipas que já jogaram cinco vezes, o Benfica é a única que venceu sempre. Ontem foi a Guimarães ganhar facilmente ao Vitória (60-93). O base Ted Scott, com 15 pontos e quatro assistências, foi o benfiquista mais inspirado, mas a equipa teve contribuições positivas de vários elementos.

No Dragão Caixa, o FC Porto pareceu lançado para um triunfo fácil no seu terceiro jogo na Liga quando chegou a liderar 26-6, mas a Ovarense reagiu bem antes de acabar por perder por 77-70. Outros resultados: Académica-Barcelos, 79-56; Sampaense-Ginásio, 76-49. **M.A.**

Ténis

Federer regista novo feito antes da final com Tsonga

● O BNP Paribas Masters, torneio que não contou com Rafael Nadal e que viu Andy Murray e Novak Djokovic desaparecerem do quadro antes das meias-finais, vai culminar com a final mais desejada pelos franceses. De um lado Roger Federer, o número um do ranking mais popular em França; do outro, o compatriota Jo-Wilfried Tsonga, o vencedor da edição de 2008. Ontem, foi Federer quem fez história, ao tornar-se no primeiro jogador a chegar à final dos nove torneios da categoria Masters 1000.

Na meia-final, Federer venceu o campeão por 2005, Tomas Berdych, por 6-4, 6-3, num encontro em que

fez uma exibição imaculada. Na 99.ª final do circuito ATP em que participa, Federer vai tentar imitar Andre Agassi, o único que conseguiu ganhar os dois mais importantes torneios de França, este e Roland Garros.

O que faltou em *suspense* na primeira semifinal foi compensado no duelo de três horas entre Tsonga e John Isner. O norte-americano dispôs de três *match-points* a 5-6 do terceiro set, mas, no derradeiro *tie-break*, foi Tsonga que fechou na primeira oportunidade, por 3-6, 7-6 (7/1) e 7-6 (7/3), continuando sem perder qualquer encontro em três sets no pavilhão de Paris-Bercy. **Pedro Keul**

Andebol

Madeira SAD é o sexto passageiro da Supertaça

● Não houve surpresas nos cinco jogos já realizados da 11.ª jornada do campeonato de andebol e, por isso, o Madeira SAD assegurou a sexta e última vaga que restava para a Supertaça. O clube madeirense, o único dos candidatos que dependia de si próprio para se juntar aos já apurados Benfica, Águas Santas, FC Porto, Sporting e ABC, não falhou na visita ao pavilhão do Maia ISMAI, onde venceu por 21-34, resultado que lhe garantiu o sexto lugar.

O Belenenses e o Sporting da Horta eram as outras equipas em condições de atingir o sexto posto, mas precisavam, no mínimo, de um tropeção do Madeira SAD. O Belenenses bateu em

casa o São Bernardo (35-20), enquanto a formação açoriana perdeu frente ao Águas Santas (30-26), que assim se mantém na liderança da prova, com 30 pontos, mais um do que o FC Porto. Os portistas golearam em casa o Fafe, por 43-18. No outro jogo de ontem, o ABC venceu o Xico por 28-36.

A Supertaça disputa-se em Janeiro entre os seis primeiros do campeonato no final da 1.ª volta, que termina hoje com a realização de um clássico entre Sporting e Benfica, no Pavilhão do Ginásio do Sul, em Almada (17h). Se vencer, o Sporting ultrapassa o rival na classificação. Em caso de triunfo visitante, o Benfica volta a partilhar o comando com o Águas Santas.

Desporto

O colóquio Ruy Belo <http://blogs.publico.pt/ciberescritas>

Surf

“Não vejo por que é que aos 50 não poderei continuar em boa forma”

Ana Tulha

Kelly Slater arrecadou o título maior do surf pela 11.ª vez e somou mais um recorde: é agora o mais jovem e o mais velho campeão de sempre

● Aos 20 anos, entrou para a história do surf por ter sido o mais jovem campeão de sempre. Dezanove anos depois, Kelly Slater ainda não se cansou de vencer. “Não é a idade que conta – é a cabeça”, disse na última passagem por Portugal. Os 11 títulos de campeão do mundo comprovam-no.

A um percurso de recordes – que vão desde o número de vitórias em provas ao inigualável 20 (a pontuação máxima) conseguido numa etapa do ASP World Tour realizada no Taiti – Slater soma agora mais um: com 39 anos, é o mais velho surfista a arrecadar o título maior da modalidade. Mas a idade está longe de assustar aquele que é considerado o melhor surfista de todos os tempos. “Para mim, os anos são apenas um número”, disse à agência EFE. Aos que duvidam, responde com uma capacidade de “domar” as ondas notável. “A prova de que me cuido bem está no meu rendimento físico”, acrescentou. Por isso, abandonar o surf profissional não é, para já, uma possibilidade. “Não vejo por que é que aos 50 anos não poderei estar em boa forma como estou agora.”

Apesar do novo recorde obtido,



Kelly Slater nas ondas

a história do “número um” do surf mundial começou a ser escrita bem mais cedo, aos cinco anos. Foi então que descobriu a paixão pelo surf e que começou a acumular títulos nacionais e regionais, ainda que sem qualquer pretensão a nível profissional. “Não comecei a surfar com o intuito de que essa se tornasse a minha profissão. Era apenas algo que me divertia a fazer”, conta na autobiografia *Pipe Dreams – A Surfer’s Journey*.

Do prazer de surfar por diversão à saga de vitórias foram dois passos: depois do primeiro triunfo em 1992, ganhou cinco títulos mundiais consecutivos entre 1994 e 1998.

Slater passou depois por um período mais apagado, mas voltaria a brilhar em 2005, quando reiniciou uma série vitoriosa que o elevou ao estatuto de lenda viva da modalidade, a par dos compatriotas

Lance Armstrong e Tiger Woods.

Aos feitos desportivos, Slater soma ainda um outro recorde: as vitórias obtidas nos circuitos mundiais valerem-lhe já perto de três milhões de euros.

A vedeta do surf... e não só

E se o estatuto de vedeta de que Slater auge no mundo do surf é incontável, a fama do “número um” mundial transcende o estilo inovador que transformou a modalidade.

O norte-americano brilhou também em várias séries televisivas – entre as quais a emblemática *Baywatch* –, e no cinema, onde deu voz a um dos pinguins do filme *Surf’s Up*. Mas não só. Além de ter tocado com Ben Harper e os Pearl Jam, o homem que já inspirou um jogo de computador criou também uma fundação que se dedica à preservação da natureza.

Hóquei em patins

Federação portuguesa exige sanção exemplar pelo boicote dos galegos do Liceo

Andrea Cruz

● O director do Comité Técnico da Federação Portuguesa de Patinagem (FPP) exigiu, ontem, que os “organismos competentes saibam actuar e agir com a firmeza necessária” para punir a “atitude leviana e gravosa” assumida pelo Liceo da Corunha. Tudo porque o clube espanhol decidiu não participar na Taça Continental de hóquei em patins, em que defrontaria o Benfica, amanhã, em Viana do Castelo.

Ao PÚBLICO, Paulo Rodrigues adiantou que esta posição “não é digna de um clube campeão europeu e representa um total desrespeito pela modalidade”.

O dirigente garantiu que a FPP, entidade organizadora da prova, “não irá

responsabilizar-se pelos compromissos já assumidos”, como custos com a transmissão televisiva, despesas com as viagens dos árbitros ou alojamento. “Viana fica a meio caminho dos dois clubes e até fica mais perto da Corunha do que de Lisboa.”

Na base do boicote da equipa espanhola está o formato e o local do jogo. O presidente do Liceo da Corunha argumenta que, ao contrário do que prevê o regulamento da prova, anteriormente designada Supertaça Europeia, o encontro não será disputado em campo neutro. Eduardo Lamas afirma que sugeriu que fosse disputado em duas mãos, uma na Corunha e outra em Lisboa, e que a proposta ficou sem resposta.

Os espanhóis asseguram ter envia-

do, na quarta-feira, uma comunicação ao CERH (Comité Europeu de Hóquei em Patins) dando conta da decisão de não participar no jogo, mas Carlos Graça, presidente do CERH, garante que apenas recebeu uma cópia de uma reclamação enviada à Confederação Europeia, mas que em nenhum ponto se diz que a equipa não vai participar na Taça. De qualquer forma, Lamas afirma que não está preocupado com as possíveis sanções: “A razão está do lado do Liceo da Corunha.”

Já o CERH confirmou o jogo para amanhã. A verificar-se a ausência dos espanhóis, o Benfica poderá conquistar a Taça, sem sequer jogar – os regulamentos determinam que a falta de comparência é punível com derrota por 10-0.

Colecção “ARQUITECTOS PORTUGUESES” CONHEÇA OS NOMES QUE PROJECTARAM A ARQUITECTURA PORTUGUESA.

Volume I
por apenas
3€



Raul Lino
6 de Outubro



Souto de Moura
13 de Outubro



Marques da Silva
20 de Outubro



Pancho Guedes
27 de Outubro



Viana de Lima
3 de Novembro



Fernando Távora
10 de Novembro



João Mendes Ribeiro
17 de Novembro



Cassiano Branco
24 de Novembro



Álvaro Siza Vieira
1 de Dezembro



Tomás Taveira
8 de Dezembro



Gonçalo Byrne
15 de Dezembro



José Gigante
22 de Dezembro



Arménio Losa
29 de Dezembro

Todas as quintas
com o Público
por mais
6,90€



PVP VOL. I: 3€. PVP restantes: 6,90€. Preço total da col. 85,80€. Às quintas entre 06.10.11 e 29.12.11. A aquisição do produto implica a compra do jornal. Edição limitada ao stock existente.

RUI SOARES



“Tivemos muitas vezes mais adeptos no pavilhão do que o Leiria no estádio”

Reportagem

Ana Tulha

● Chamam-lhe a “Aldeia do Hóquei” e quem, em dia de jogo, entra no Pavilhão do Hóquei Clube de Turquel (HCT) não tarda a perceber porquê. As centenas de adeptos e cachecóis, uma claque que canta de forma ininterrupta e a música que se faz ouvir no pavilhão à mínima paragem no jogo criam um ambiente que transcende o espectáculo desportivo e dá a cada jogo de hóquei do Turquel contornos de uma verdadeira festa.

“As pessoas aqui vivem e respiram o hóquei”, conta Maria do Carmo, habitante desta pequena vila do concelho de Alcobaça. As assistências médias de 1300 espectadores nos jogos em casa comprovam-no. “No ano passado, tivemos muitas vezes mais adeptos aqui no pavilhão do que o União de Leiria no estádio”, recorda Dinis Vicente, vice-presidente do clube. Os números ganham ainda maior relevância se olharmos para os dados relativos aos habitantes de Turquel - são perto de 4400, o que significa que, de cada vez que os seniores jogam em casa, quase um terço da aldeia se mobiliza para ir apoiar o clube da terra.

Mas nem só os habitantes de Turquel rumam ao pavilhão do HCT de cada vez que há um jogo em casa. “Já tivemos cá pessoas que fizeram 140 quilómetros para nos vir ver”, garante.

Com onze presenças no campeonato nacional sénior da I Divisão, o HCT entrou para o quadro de honra do hóquei em patins nacional no final da década de 1980, período em que foi treinado por António Livramento. Hoje, e apesar de o clube se manter na II Divisão há quase dez anos, o entusiasmo dos adeptos não esmorece.

Para o embate com o Oeiras, actual décimo classificado da prova (o HCT está em quarto), vieram 890 pessoas, mas, de acordo com Dinis Vicente, “nesta fase da época, ainda está tudo muito calminho”. “Mais para o meio do campeonato, isto é a loucura. Não consegue entrar aqui mais ninguém”, assegura.

Às 21 horas em ponto, o pavilhão assiste à primeira grande explosão de alegria: os jogadores do Turquel entram em campo. São “os filhos da terra”, como se ouve na bancada. Dos dez jogadores do plantel deste ano, apenas um não fez parte dos escalões de formação do HCT. “Apostarmos na formação é o que faz com que tenhamos

muita gente a apoiar-nos”, explica João Simões, treinador do clube, também ele um “homem da casa”.

Rola a bola no ringue. A explosão de alegria repete-se poucos segundos depois, com o primeiro golo do HCT. Os “Brutos dos Queixos” - nome pelo qual são conhecidos os habitantes de Turquel - festejam cada golo como uma vitória e os jogadores não se fazem rogados: aí vão dois.

Na bancada, Carmo Honório, também ela antiga jogadora do clube, vibra com os golos dos atletas de casa. “Não falho um jogo”, assegura. E hoje nem a laringite a impediu de marcar presença. “Vimos apoiar os miúdos que vimos crescer, aqui somos todos uma grande família!”, afirma.

Ao intervalo, são já seis os golos da equipa da casa e nem os três do conjunto de Oeiras fazem os adeptos perder o ânimo. “E o Turquel é o nosso grande amor”, cantam a plenos pulmões.

A segunda parte recomeça no mesmo clima de festa e o festival de golos continua. Na bancada, os mais novos entoam, abraçados, os cânticos do clube. “O facto de termos muitos jogadores seniores que também são treinadores das camadas jovens é muito importante para trazer os miúdos”, assegura João Simões.

Mas não é este o único segredo do entusiasmo à volta da equipa. De acordo com Dinis Vicente, a comunicação directa entre os atletas e os adeptos (através de SMS e do Facebook), a criação de uma televisão *online* que transmite os jogos (HCTv), o relato dos jogos ao minuto no Twitter e os *outdoors* com mensagens personalizadas são trunfos fundamentais para fomentar o amor pelo clube.

“Uma vez ouvi um atleta desta equipa dizer: ‘Em Turquel, o hóquei não é um desporto, é um acontecimento social’”, recorda Catarina Maria, uma das responsáveis pelo Departamento de Comunicação do Clube. Carmo Honório concorda: “É uma convivência: as pessoas gostam de vir cá para se verem umas às outras, para se rirem e para dizerem umas coisas aos árbitros, porque também faz parte”, graceja.

O jogo termina com um expressivo 11-4, mas há ainda tempo para a última grande ovação da noite: os jogadores do Turquel juntam-se no centro do campo para agradecer a presença dos 890 adeptos que vieram para os apoiar. “O público é o nosso sexto jogador”, refere André Luís, capitão de equipa e um dos casos mais paradigmáticos de longevidade no clube - enverga a camisola do HCT há já 25 anos.

Andebol

FC Porto consolida liderança e Benfica cai para terceiro

● O FC Porto venceu (23-22) o “clássico” contra o Benfica e ampliou para três os pontos de vantagem sobre o rival de Lisboa no campeonato de andebol. Os “dragões” impuseram a segunda derrota consecutiva ao Benfica, que caiu para terceiro na classificação.

A formação da Luz entrou melhor que a equipa da casa, que enfrentou grandes dificuldades diante do “muro” defensivo adversário e foi para o intervalo a perder por 10-11.

O segundo período começou com a primeira situação de empate do jogo, mas o Benfica voltou a mostrar mais acerto a defender e a atacar e recuperou a vantagem de três golos. Já perto do fim, o FC Porto passou pela primeira vez para a frente na partida, e com o apoio do seu público conseguiu garantir a vitória.

“O importante é ganhar e quando se ganha um jogo difícil, jogar bem ou

mal não é importante. Vencemos um grande adversário e, até ao fim, acreditámos que era possível ganhar. O resto é história”, sublinhou Ljubomir Obradovic, treinador do FC Porto. O técnico do Benfica, Jorge Rito, considerou o resultado injusto: “Este jogo também tem que ser analisado de outra forma: não merecíamos ter perdido, não só porque estivemos quase sempre à frente do marcador, mas porque houve decisões [dos árbitros] neste jogo que não vi em outros.”

Nos outros jogos de ontem, destaque para a vitória do Águas Santas sobre o Fafe (33-24), que coloca a equipa da Maia no segundo lugar da tabela. Outros resultados: Madeira SAD-Sporting Horta (33-16), Belenenses-ISMAI (33-25), Xico-São Bernardo (35-23). A jornada encerra hoje com o Sporting-ABC Braga (17h30), que opõe o quarto e quinto classificados.

Futsal

Sporting assegura presença na final four da Taça UEFA

● O Sporting empatou ontem (5-5) com o Iberia Tbilisi, da Geórgia, e carimbou a passagem à fase seguinte da Taça UEFA de futsal. A equipa “verde e branca” precisava apenas de um ponto para garantir a presença na *final four* da prova e conseguiu-o a menos de dois minutos do final.

Ao intervalo, o conjunto orientado por Orlando Duarte perdia por 3-0, mas, no decorrer do segundo tempo, a equipa portuguesa foi mais forte e conseguiu chegar ao 4-4, tendo jogado a maior parte do tempo com guarda-redes avançado.

No entanto, a parte mais emotiva da partida estava reservada para os minutos finais: os georgianos chegaram ao 4-5 quando faltavam apenas quatro minutos para o final do encontro e, dois minutos depois, Leitão garantiu a qualificação dos “leões” ao estabelecer o 5-5 final, após um contra-ataque, deixando o Pavilhão de Odivelas em clima de festa. O conjunto de Alvalade é, assim, o primeiro a garantir um lugar na *final four*, que se vai disputar em Abril, já que os jogos dos restantes três grupos da Ronda de Elite apenas se realizam hoje. **A.T.**

Domínio espanhol

Cristiano Pereira tocou nesse ponto sensível: “O grande problema é a Espanha, que realmente a partir dos Jogos Olímpicos de Barcelona tem sido arrebatadora em muitos desportos. E no hóquei em patins somos nós a sofrer na pele com isso”, aponta.

Portugal perdeu a hegemonia internacional para uma selecção que desde 2000 tem sido praticamente invencível: ganhou os seis Europeus disputados e cinco dos seis Mundiais. Na final do último Mundial, a selecção espanhola somou a 49.ª vitória seguida.

“Antes era Portugal, agora é a Espanha. Quando se ganha não se acha estranho, quando se perde acha-se. Há uma realidade: eles são melhores”, resumiu Reinaldo Ventura, elemento do plantel que roubou o Mundial à Espanha em 2003, a única prova que lhes escapou nos últimos 11 anos.

E 2011 foi mais um ano brilhante para o hóquei espanhol, que ganhou a medalha de ouro no Mundial sénior, no Mundial sub-20, no Europeu sub-17 e no Europeu feminino. Na Liga Europeia, um clube espanhol sagrou-se campeão europeu em 19 das últimas 20 temporadas. **M.A.**

